



**RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DO PROJETO ESTREITANDO  
LAÇOS: ATENÇÃO A FAMÍLIAS EM SITUAÇÃO DE  
VIOLÊNCIA.  
BENEFICIÁRIOS E INSTITUIÇÕES**

**(Versão sem revisão ortográfico-gramatical)**

**AGOSTO DE 2011**

# **RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DO PROJETO ESTREITANDO LAÇOS**

## **Execução**

Instituto de Pesquisas Sistêmicas e Desenvolvimento de Redes Sociais

Instituto Noos

### **Secretário Executivo do Instituto Noos**

Carlos Eduardo Zuma

### **Coordenadora de Pesquisa**

Marina Sidrim Teixeira

### **Coordenadora do Projeto**

Cynthia Ozon

### **Equipe de atendimento**

Cynthia Ozon

Raquel Ciancio

### **Redação do relatório**

Marina Sidrim Teixeira

Rita Flores Müller

### **Assistente de pesquisa**

Mariah Maia

## SUMÁRIO

Apresentação .....	5
I. Informações sobre as famílias atendidas a partir dos questionários iniciais .....	7
Composição das famílias atendidas .....	7
Informações sobre as famílias .....	8
Perfil das crianças e adolescentes que sofreram violência nas famílias atendidas .....	10
Perfil das pessoas que preencheram o questionário .....	12
Perfil das pessoas encaminhadas como autoras de violência .....	13
Perfil das pessoas que responderam ao questionário como familiares da criança/adolescente que sofreu a violência .....	14
Dados comparados das pessoas que responderam ao questionário como autores(as) de violência e das pessoas que responderam ao questionário como familiares da criança/adolescente que sofreu violência .....	16
II. GRUPOS FOCAIS: estratégias e dificuldades .....	18
1. Etapa de convite e agendamento .....	18
2. Grupo focal com adultos .....	20
3. Grupo focal com adultos “autores/ denunciados” .....	22
4. Grupo focal com adolescentes .....	23
5. Nova proposta de data para grupo focal misto .....	24
6. Alternativas às dificuldades na efetivação dos grupos focais: contatos por email e seus desdobramentos .....	25
6.1. Correspondência eletrônica na etapa de convite e agendamento dos grupos ..	25
6.2. Pedido de avaliação do projeto Estreitando Laços por <i>email</i> .....	26
7. Entrevista com a adolescente .....	27
III. AS FAMÍLIAS: avaliação do Projeto Estreitando Laços .....	28
1. Percepção acerca da motivação para a criação do Estreitando Laços .....	29
2. Recepção e entendimento do Estreitando Laços .....	30
3. Dificuldades para participação no Estreitando Laços .....	32
4. Mudanças percebidas na família com a participação no Estreitando Laços .....	35
5. Sobre os convites para participação dos grupos de familiares .....	37
5.1. Motivos para a participação ou não nos grupos de familiares .....	38
6. Pontos positivos do Estreitando Laços .....	39
7. Pontos falhos do Estreitando Laços .....	40
8. Sugestões para o aprimoramento do projeto Estreitando Laços .....	41
9. Outras ações no apoio às famílias em situação de violência que atinge as crianças ou adolescentes .....	42
IV. Visitas institucionais .....	44
1. Recepção da existência do projeto Estreitando Laços e pedido de integração .....	45
2. Dificuldades e facilidades percebidas no encaminhamento das famílias .....	48
3. Sugestões de medidas que facilitariam o fluxo de encaminhamento das famílias para o projeto .....	53
4. Sugestões para o atendimento às famílias em situações de violência familiar contra crianças e adolescentes .....	55
V. Coordenação: Avaliação do Projeto Estreitando Laços .....	60
Síntese Geral .....	61
Quadro 1: Resumo das Famílias .....	61
Quadro 2: Resumo das visitas às instituições .....	61
Quadro 3: Resumo da avaliação da coordenação do projeto .....	61
Anexos .....	62
Anexo 1. Questionário inicial .....	62

Anexo 2. Roteiros de entrevista e grupos focais. ....	76
Anexo 3. Roteiros de perguntas para as instituições. ....	76
Anexo 4. Roteiros de perguntas para a equipe de coordenação do Projeto.....	76

## **Apresentação**

O Projeto Estreitando Laços atuou com famílias em que tenham sido identificadas situações de violência contra crianças e adolescentes. Seu objetivo foi:

“promover o fortalecimento dos vínculos afetivos de famílias em situação de violência doméstica, que envolva crianças e adolescentes vítimas de maus-tratos físicos, psicológicos ou de negligência, através de um atendimento da família que esteja focado no fortalecimento das figuras parentais, estimulando uma atuação sustentadora e acolhedora destes pais para com seus filhos” (texto original do projeto, p. 7, 2009).

Visou assim contribuir para a garantia do direito de crianças e adolescentes à convivência familiar e comunitária, pressuposto fundamental do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Tal desafio requer ações jurídicas, de saúde, educativas e sociais intensas que implicam num trabalho interdisciplinar, interinstitucional e intersetorial. O Noos desenvolve nesse intuito uma ação articulada com Conselhos Tutelares, Vara da Infância, da Juventude e Idoso (VIJI), Juizado Especial Criminal (JECRIM), postos de saúde e demais instituições que fazem parte da rede de proteção<sup>1</sup>. Segundo o projeto, “é um investimento em famílias que mantêm vivos seus vínculos afetivos, mas por razões emocionais e/ou sociais estão colocando em risco o desenvolvimento de suas crianças e adolescentes” (p.12).

A população-alvo do projeto Estreitando Laços foram pais ou responsáveis que estivessem praticando atos de maus-tratos físicos, psicológicos ou de negligência em relação a seus filhos ou dependentes<sup>2</sup>. O projeto recebeu famílias encaminhadas pelos Conselhos Tutelares ou pela autoridade Judiciária competente (Juiz e/ou Promotor Público da Infância e Juventude) para cumprimento de medidas propostas no ECA, conforme artigo 101 § II e/ou artigo 129 § IV.

O presente relatório teve o objetivo de sistematizar a etapa de avaliação do Estreitando Laços<sup>3</sup>, acompanhar suas mudanças de contornos para então avaliá-la em

---

<sup>1</sup> As informações contidas nesse parágrafo foram retiradas na íntegra do *site* do Instituto Noos. Fonte: <http://www.noos.org.br/portal/estreitando>, acesso em 23/03/2011.

<sup>2</sup> Conforme Item II. 3 – Meta: “atender 20 famílias que tenham crianças/adolescentes entre 3 meses e 18 anos de idade, ao longo de 5 meses, através de grupos Reflexivos e Atendimento Específico da Família” (p. 8).

<sup>3</sup> Conforme o Item II. 2 objetivos específicos/ 6) avaliar a eficácia da metodologia utilizada constante no projeto.

seu conjunto. Para isso a sistematização trabalhou com os seguintes conteúdos de análise:

**a) Aplicação dos questionários** junto a 13 das 16 famílias beneficiadas do projeto<sup>4</sup>;

**b) Grupo focal realizado com adultos**<sup>5</sup> considerando-se a situação de cada membro no processo de encaminhamento (como aquele ou aquela que sofreu a violência praticada/ “vítima”, autor ou “autora” da violência e responsável pela criança ou adolescente e seus desdobramentos) e outras formas de avaliação dos/as participantes que serão devidamente narradas no decorrer do relatório;

**c) Visitas presenciais às instituições** parceiras do projeto Estreitando Laços.

Inicialmente apresentaram-se informações sobre as famílias atendidas: suas composições, perfil das crianças e adolescentes que sofreram violência, perfil das pessoas que preencheram o questionário, das pessoas encaminhadas como autoras de violência e que responderam ao questionário como familiares da criança e/ou do adolescente, entre outras especificidades e dados comparativos. Em seguida, narrou-se a etapa de convite e agendamento para os grupos focais em seu formato inicial de planejamento, apresentando as dificuldades e as alternativas encontradas pela equipe de avaliação desde o início dos trabalhos em 21 de fevereiro deste ano. E, por fim, foram sistematizadas as informações reunidas na etapa das visitas às instituições, realizadas por Raquel Ciancio no período de 21 de fevereiro a seis de março do presente ano<sup>6</sup>. Uma síntese geral da avaliação do projeto Estreitando Laços encerrou o presente relatório.

---

<sup>4</sup> Segundo item IV Monitoramento e avaliação do projeto original: “como instrumento auxiliar e inicial será aplicado um questionário individual, abrangendo dados da família de origem e da atual que possibilite traçar um histórico e perfil de relações familiares e redes com as quais a família conta. [...] o projeto contará também com a informação dos questionários, que poderão ter um tratamento quantitativo num outro momento; o que ajudará na interface e mais ampla compreensão das questões de violência doméstica envolvendo crianças e adolescentes” (p. 9, 2009).

<sup>5</sup> Segundo item IV Monitoramento e avaliação (texto do projeto original): “a avaliação do projeto será realizada utilizando a metodologia de Grupos Focais em que uma equipe, que não atuou no projeto, será convidada a realizar um encontro com pais e mães que participaram de cada um dos dois grupos. Através de procedimentos próprios desta metodologia realizarão uma avaliação sobre os resultados alcançados e possíveis desdobramentos do trabalho” (p. 12, 2009).

<sup>6</sup> Todas as transcrições referentes a estas etapas foram realizadas por Rita Flores Müller.

## I. Informações sobre as famílias atendidas a partir dos questionários iniciais

Como mencionado na apresentação, dados da entrevista inicial com cada família foram utilizados para preencher um questionário<sup>7</sup> que traçava o seu perfil. Tais dados foram colhidos de acordo com as possibilidades das famílias, dada a sensibilidade da situação em que chegavam para o trabalho no Noos. Como será detalhado mais adiante, o questionário indagava sobre a composição da família, sobre questões relativas ao agregado familiar e sobre características pessoais de duas das pessoas que compareceram para participar do projeto.

Ao final do projeto, contabilizou-se 13 questionários preenchidos. São as informações colhidas neste instrumento de pesquisa que servem de base para esta seção do relatório<sup>8</sup>.

### ***Composição das famílias atendidas***

Embora sejam muitas as formas de apropriação possíveis das informações levantadas, inclusive sua utilização para a adequada condução do atendimento, optou-se neste relatório por trabalhar com o seu conjunto.

As 13 famílias para as quais os questionários foram preenchidos, tinham em média 5,46 pessoas cada e uma renda familiar média de R\$2521,00 e mediana de R\$1600,00. Vale ressaltar que só estão disponíveis para este cálculo a renda de 7 famílias.

Somando-se todas as pessoas que foram mencionadas como membros diretos das famílias atendidas, 80% delas morando com as crianças/adolescentes vítimas de violência encaminhadas para o projeto, obteve-se informações sobre 72 pessoas<sup>9</sup>. Seguem-se algumas características dessas pessoas:

- **No que se refere ao sexo:** 51% são mulheres e 49% são homens.
- **No que se refere à idade:** dos 82% que prestaram esta informação, 53% são adultos (idades entre 18 e 59 anos); 24% são crianças (idades de zero a 12 anos); 14% adolescentes (idades entre 13 e 17 anos); e 10% idosos (60 anos e mais). A idade média encontrada foi de 29,05 anos e a idade mediana de 30,0 anos; zero e 70 anos foram as idades mínima e máxima, respectivamente.
- **No que se refere à escolaridade,** 63% informaram que não mais estudavam no momento da pesquisa. Perguntados sobre o nível máximo de escolaridade atingido até o momento (quer ainda estudasse ou não) as respostas mostraram que, dos 74% que responderam à questão, 26% tinham o fundamental

---

<sup>7</sup> Ver Anexo

<sup>8</sup> Somente no caso das vítimas incluiu-se a partir de outros registros os dados disponíveis sobre elas. Por esta razão, na parte do texto que trata do seu perfil o número total difere do citado nas demais partes do texto elaborado a partir dos dados exclusivamente dos questionários.

<sup>9</sup> Número subestimado já que foram atendidas 16 famílias e este total refere-se a apenas 13 delas. Considerando-se o número médio de pessoas por família pesquisada, pode-se estimar um total de cerca de 87 pessoas diretamente abrangidas pelo projeto.

incompleto; 23% o médio incompleto; e 19% o médio completo. Somente 11% declararam ter completado um curso de nível superior.

- **No que se refere à inserção no mercado de trabalho**, dos 90% que prestaram esta informação, 45% declararam estar trabalhando no momento da pesquisa, seguidos por 34% que nunca trabalharam, o que não é de estranhar considerando a presença de crianças e de adolescentes nas famílias.
- **Quanto ao parentesco com a criança que sofreu a violência**, excetuando a própria criança/adolescente, predominavam as mães e outro tipo de parente, seguido de irmãos, como mostra o Quadro 1:

Quadro 1  
Distribuição dos membros da família segundo sua relação com a criança/adolescente que sofreu a violência

Parentesco	N	%
A própria criança/adolescente	14	19,4
Mãe	11	15,3
Outro	11	15,3
Irmão	8	11,1
Pai	7	9,7
Irmã	6	8,3
Padrasto	5	6,9
Avó	5	6,9
Madrasta	3	4,2
Avô	2	2,8

### **Informações sobre as famílias**

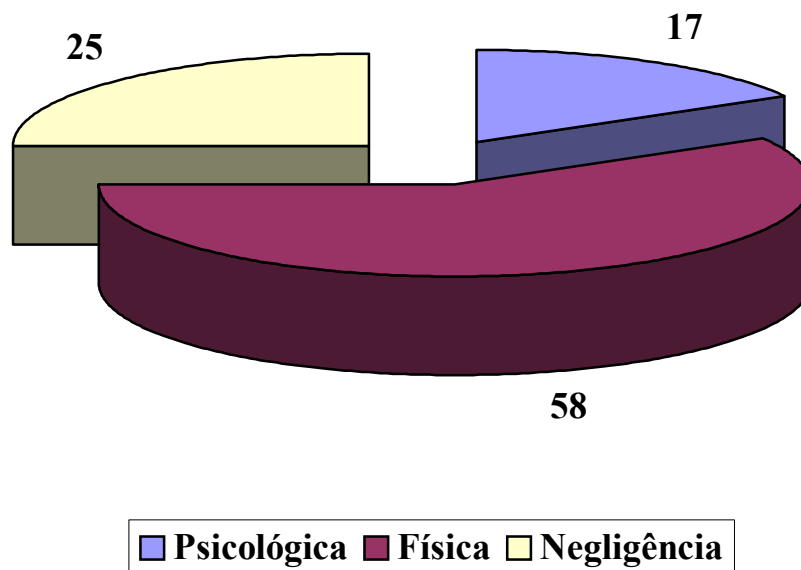
- **Encaminhamento da família para o Noos:** foi feito pelos Conselhos Tutelares e pelos Juizados, praticamente em iguais proporções<sup>10</sup>.
  - ✓ No caso dos Juizados: JECRIM, da Mulher e Vara da Infância e da Juventude.
  - ✓ No caso dos Conselhos Tutelares: o de Vila Isabel, o do Centro e o da Zona Sul.
- **Informações relativas ao atendimento pré-existente de membros da família por profissionais de saúde mental:** 10 das 13 famílias (77%) declararam que sim, existem pessoas da família que já haviam recorrido a psicoterapias com psicólogos, psiquiatras e terapeutas diversos, inclusive familiares. Incluíram neste rol a participação em grupos de gestantes e de mães e atendimentos em fonoaudiologia.

<sup>10</sup> Mais adiante, no capítulo pertinente, serão sistematizadas as informações fornecidas por estas instituições relativas ao encaminhamento das famílias para o projeto.

- **Existência de denúncia de violência intrafamiliar:**

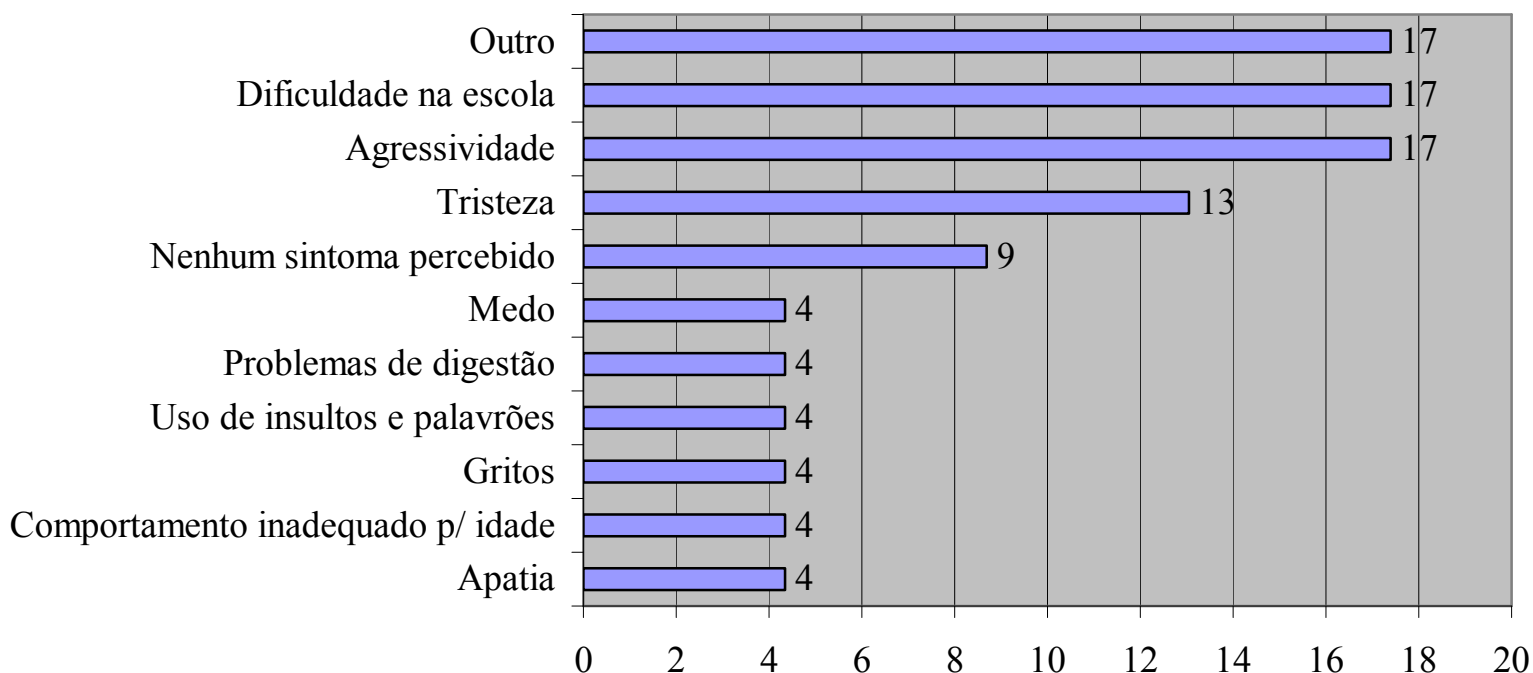
- ✓ 9 das 13 famílias (69%) confirmaram que haviam sido denunciadas por esta razão. Uma das famílias já havia sido denunciada duas vezes.
- ✓ Perguntados pelos autores das denúncias e pelos denunciados, a situação relatada mais freqüente é aquela em que o pai denuncia a mãe e a mãe denuncia o pai. Contudo, também foram mencionadas situações em que os denunciantes eram a própria criança/adolescente que sofreu a violência apoiada ora pela avó, ora por vizinho; a escola e os vizinhos.
- ✓ No que tange ao tipo de violência denunciado, como mostra o gráfico 1 que se segue, o mais freqüente foi a violência física (58%), seguido pela negligência (25%) e pela violência psicológica (17%). Não houve menção a denúncias de violência sexual.

### 1. Tipos de violência denunciadas contra as crianças e adolescentes que participaram do projeto (%)



- ✓ Aos respondentes foi exibida uma lista de possíveis sintomas apresentados pelas crianças e /ou adolescentes que sofreram a violência para que identificassem se percebiam a ocorrência em sua família. O Gráfico 2 abaixo mostra o resultado obtido, permitindo destacar as dificuldades na escola, a agressividade e outros sintomas como os principais. Os outros sintomas relatados foram: desobediência; distanciamento do irmão; envolvimento com pessoas erradas e gravidez indesejada; e ficar isolado e muito “respondão”.

## 2. Sintomas percebidos nas crianças e adolescentes vítimas de violência (%)



- **Uso de drogas pelos membros da família:** a maioria absoluta declarou não enfrentar esta questão na sua família. Somente 3 casos foram afirmativos, um relatando o problema com a mãe, outro com uma irmã e outro com um outro parente, nenhum deles estando em tratamento para superar o uso de alguma maneira.

### ***Perfil das crianças e adolescentes que sofreram violência nas famílias atendidas***

Apesar de só dispormos de questionários relativos a 13 das 16 famílias atendidas, no caso das crianças/adolescentes que sofreram violência, foi possível recuperar algumas informações para todo o conjunto. Eram ao todo 17: 8 meninos e 9 meninas. Suas idades variavam entre 4 e 18 anos com média de 12,53 anos e mediana de 13 anos. 16 delas estavam estudando e para cinco delas não havia esta informação. A grande maioria estava cursando o ensino fundamental entre a 1ª e a 5ª séries. Somente uma menina de 18 anos estava trabalhando no momento da pesquisa. A distribuição por tamanho de família não sugere que esta seja uma variável que interfira na ocorrência de violência. A mãe foi a pessoa mais freqüentemente encaminhada como autora da violência.

O Quadro 2 mostra a distribuição percentual das crianças e adolescentes que sofreram violência que foram atendidas no projeto pelas características mencionadas.

Quadro 2

Distribuição dos crianças/adolescentes que sofreram violência que participaram do projeto, segundo algumas características pessoais e familiares

<b>Indicadores</b>	<b>Valor absoluto</b>	<b>%</b>
<b>Sexo</b>		
Masculino	8	47
Feminino	9	53
<b>Idade</b>		
Até 12 anos	7	41
13 a 17 anos	5	29
18 anos	1	6
Sem informação	4	24
Idade Média	12,53	
Idade Mediana	13,00	
Idade Máxima	4,00	
Idade Mínima	18,00	
<b>Frequência à escola</b>		
Frequenta escola	11	65
Não frequenta escola	1	6
Sem informação	5	29
<b>Nível de escolaridade freqüentado ou alcançado</b>		
1º ao 5º ano fundamental	6	35
6º ao 9º ano fundamental	3	18
Médio incompleto	3	18
Sem informação	5	29
<b>Inserção no mercado de trabalho</b>		
Está trabalhando	1	6
Nunca trabalhou	11	65
Sem informação	5	29
<b>Número de pessoas na família</b>		
Até 4 pessoas	5	29
5 e 6 pessoas	4	24
7 pessoas e mais	5	29
Sem informação	3	18
Número Médio de pessoas na família	5,64	
Número Mediano de pessoas na família	6,00	
Número Máximo de pessoas na família	3,00	
Número Mínimo de pessoas na família	9,00	

<b>Renda familiar</b>		
Média	2521,43	
Mediana	1600,00	
Máxima	50,00	
Mínima	7000,00	
<b>Pessoa encaminhada como autor(a) da violência</b>		
Mãe	10	59
Pai	4	24
Sem a informação	3	18

### ***Perfil das pessoas que preencheram o questionário***

Via de regra, as duas pessoas que compareciam ao primeiro atendimento no projeto eram as que respondiam as questões propostas no questionário que diziam respeito aos seguintes temas:

- Identificação do respondente
- Quadro de composição da família
- Informações sobre a chegada ao Noos
- Observações sobre a família
- Dados socioeconômicos
- Rede social
- Situação de violência

Excetuando umas poucas perguntas relativas à família como um todo que eram respondidas somente por uma pessoa<sup>11</sup>, as demais eram feitas em separado para cada uma das pessoas. As respostas eram registradas no questionário separadamente para o Entrevistado 1 e para o entrevistado 2. Apurando o tipo de encaminhamento que trouxe cada uma destas duas pessoas para o projeto, observou-se que das 13 pessoas que ocuparam a posição de primeiro entrevistado, 6 tinham sido encaminhadas como autores(as) da violência contra uma criança e/ou adolescente de sua própria família e 7 eram familiares da pessoa encaminhada como vítima. Já no conjunto das 5 pessoas que ocuparam a posição de segundo entrevistado, 4 haviam sido encaminhadas como autores(as) e somente 1 comparecera como familiar da vítima.

Optou-se por trabalhar no relatório com o conjunto de pessoas encaminhadas como autores(as) e com o conjunto de familiares ao invés de com o conjunto de entrevistados 1 e conjunto de entrevistados 2. Tal organização das informações torna as mesmas mais consistentes e é feita segundo um critério definido e claro.

---

<sup>11</sup> As que foram utilizadas para elaborar a seção “informações sobre a família”.

## **Perfil das pessoas encaminhadas como autoras de violência**

Ao serem encaminhados para o projeto no Noos, nenhum dos entrevistados nesta condição conhecia a instituição e, segundo eles, as palavras que melhor expressavam o seu sentimento ao chegarem para o primeiro atendimento eram curiosidade e esperança. Outras palavras e expressões citadas foram: dúvida, amor pelo filho, ansiedade, chateação e tristeza.

Quanto à relação de parentesco com a criança/adolescente que sofreu a violência, 80% eram mães e 20% eram pais. Perguntadas sobre o tipo de relação conjugal que tinham estabelecido com o pai/mãe da vítima em pauta, a metade declarou estar separada, desquitada ou divorciada e a outra metade disse não haver qualquer tipo de relação conjugal.

Para avaliar a percepção dos entrevistados sobre a violência sofrida pela criança/adolescente encaminhada ao projeto como vítima, a pesquisa levantou se concordavam ou não com a idéia de que isso de fato acontecia. Os dados mostram que 60% estavam de acordo e 30% não achavam que a criança em pauta sofria violência na família. Na mesma direção, investigou-se se percebiam outra criança/adolescente na família que sofresse violência além da já identificada no encaminhamento ao projeto: a maioria absoluta respondeu que não (80%).

Indagados sobre se acham que os responsáveis pela criança/adolescente que sofreu a violência contam com alguma ajuda para cuidar delas, 40% disseram que sim, que contam com alguém com quem possam deixá-la fora de casa. Segue-se a alternativa “contam com alguém com quem possam deixá-la em casa” (30%). Somente uma pessoa avalia que não contam com qualquer ajuda.

Quanto a auto percepção de violências sofridas no seio da família quando eram crianças e/ou adolescentes, a metade dos entrevistados respondeu afirmativamente. Quanto a haver sido vítima de violência fora da família em algum momento de sua vida, 60% responderam negativamente.

No que se refere ao bairro de moradia, era grande a diversidade e contemplava tanto bairros da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro (Pavuna e Engenho de Dentro), quanto da Zona Sul de classe média (Humaitá, Laranjeiras e Santa Tereza), como mais carentes como a Rocinha. Não havia predominância alguma: uma pessoa de cada bairro.

Quanto à densidade demográfica dos domicílios de moradia, era a seguinte, incluindo o informante: número médio de 3,4 pessoas; número mediano de 3 pessoas e número mínimo e máximo de 2 e 5 pessoas, respectivamente.

Todas as pessoas eram brasileiras e, a maioria, nascida no Estado do Rio de Janeiro. Seguiam-se duas pessoas nascidas em Minas Gerais.

Quanto a cor/raça, predominavam os que se declararam brancos (50%) seguidos dos que se declararam Negros (Pretos + Pardos, 20% de cada um).

Perguntados sobre se professavam ou não alguma religião, 4 pessoas responderam afirmativamente e 5 negativamente. Entre aquelas que disseram ter religião, a metade era católica, seguida de protestantes e espíritas. Somente uma pessoa declarou-se praticante da sua religião (protestante).

Todas as pessoas disseram ter filhos. O número médio e o mediano de filhos foi de 2. O número mínimo foi 1 e o máximo de 4 filhos.

Perguntados sobre sua inserção no mercado de trabalho no momento da pesquisa, 70% disseram estar trabalhando. Para estes foi indagada a ocupação exercida, a posição na ocupação, o setor de atividade no qual exerciam a ocupação e sua renda mensal bruta no mês anterior ao da pesquisa. As informações mostraram que a maioria trabalha por conta própria, no setor serviços, em ocupações bastante diversificadas e sem predominância de uma sobre a outra: agente educacional, auxiliar de escritório, cabeleireira, depiladora, *Home Broker*, *Home Care* e músico. A renda bruta mensal foi declarada por apenas 5 das 7 pessoas que estavam trabalhando e o resultado foi: renda média de R\$2092,00; renda mediana de R\$600,00; renda mínima de R\$50,00 e renda máxima de R\$6000,00.

Finalmente, o questionário indagava sobre as alternativas de lazer que o entrevistado costuma desfrutar, tanto sozinho como em família. Os dados mostraram que as três principais alternativas de lazer individual são: encontro com amigos (33%), Internet (28%) e jogos de futebol e outros esportes (22%). Já na companhia da família, as três principais alternativas de lazer são: encontro com parentes; bares, restaurantes e lanchonetes; e visitas a praças e parques públicos (27% de cada).

### **Perfil das pessoas que responderam ao questionário como familiares da criança/adolescente que sofreu a violência**

Ao chegarem para participar do projeto no Noos, nenhum dos entrevistados nesta condição conhecia a instituição e, segundo eles, a palavra que melhor expressava o seu sentimento ao chegarem para o primeiro atendimento era dúvida. Outras palavras e expressões citadas foram: confiança, esperança, raiva e que bom que eu cheguei.

Quanto à relação de parentesco com a criança/adolescente que sofreu violência, predominavam os pais (38%) e as avós (25%). Seguiam-se, com uma pessoa em cada caso, mãe, tia e outro parente.

Perguntadas sobre o tipo de relação conjugal que tinham estabelecido com o pai/mãe da vítima em pauta, a metade declarou não haver qualquer tipo de relação conjugal. Seguiram-se 38% que declararam estar separadas, desquitadas ou divorciadas.

Para avaliar a percepção dos entrevistados sobre a violência sofrida pela criança/adolescente encaminhada ao projeto como vítima, a pesquisa levantou se concordavam ou não com a idéia de que isso de fato acontecia. Os dados mostram que 63% estavam de acordo e 38% não achavam que a criança em pauta sofria violência na família. Na mesma direção, investigou-se se percebiam outra criança/adolescente na família que sofresse violência além da já identificada no encaminhamento ao projeto: 63% responderam que não e 38% achavam que sim.

Indagados sobre se avaliam que os responsáveis pela criança/adolescente que sofreu violência contam com alguma ajuda para cuidar delas, duas pessoas disseram que sim, que contam com alguém com quem podem deixá-la em casa, uma pessoa disse que contam com alguém com quem podem deixá-la fora de casa e uma pessoa avalia que os responsáveis não contam com qualquer ajuda.

Quanto a auto percepção de violências sofridas no seio da sua família de origem quando era criança e/ou adolescente, a metade dos entrevistados responderam afirmativamente. Quanto a haver sido vítima de violência fora da família em algum momento de sua vida, a maioria respondeu negativamente.

No que se refere ao bairro de moradia, era grande a diversidade e contemplava tanto bairros da zona norte (Tijuca, Lins de Vasconcelos, Alto da Boa Vista e Ilha do Governador) quanto da Zona Sul (Flamengo e São Conrado). Não havia predominância alguma: uma pessoa de cada bairro.

Quanto à densidade demográfica dos domicílios de moradia, era a seguinte, incluindo o informante: número médio de 4,29 pessoas; número mediano de 3 pessoas e número mínimo e máximo de 2 e 9 pessoas, respectivamente.

Todas as pessoas eram brasileiras e, a maioria, nascida no Estado do Rio de Janeiro. Seguiu uma pessoa nascida em Minas Gerais.

Quanto a cor/raça, a grande maioria se declarou branca (63%) seguida pelos que se declararam pretos (25%).

Perguntados sobre se professavam ou não alguma religião, 5 pessoas responderam afirmativamente e 1 negativamente. Entre aquelas que disseram ter religião, 3 eram católicas e 2 protestantes. Uma pessoa que segue a religião católica e duas que são protestantes declararam-se praticantes da sua religião.

Todas as pessoas disseram ter filhos. O número médio de filhos foi de 1,67 e o mediano foi de 1,50. O número mínimo foi 1 e o máximo de 3 filhos.

Perguntados sobre sua inserção no mercado de trabalho no momento da pesquisa, 63% disseram estar trabalhando. Para estes foi indagada a ocupação exercida, a posição na ocupação, o setor de atividade no qual exerciam a ocupação e sua renda mensal bruta no mês anterior ao da pesquisa. As informações mostraram que todos trabalham por conta própria, principalmente nos setores do comércio e dos serviços, em ocupações bastante diversificadas e sem predominância de uma sobre a outra: adestradora de cães, estilista, segurança/militar e terapeuta holística. A renda bruta mensal foi declarada por todas as pessoas que estavam trabalhando e o resultado foi: renda média de R\$1972,00; renda mediana de R\$650,00; renda mínima de R\$510,00 e renda máxima de R\$5000,00.

Finalmente, o questionário indagava sobre as alternativas de lazer que o entrevistado costuma desfrutar, tanto sozinho como em família. Os dados mostraram que as principais alternativas de lazer individual são: encontro com amigos e Internet (40% de cada). Já na companhia da família, as principais alternativas de lazer são: visitas a praças e parques públicos (22%); bares, restaurantes e lanchonetes (17%) e encontro com amigos e com parentes (13% de cada).

## **Dados comparados das pessoas que responderam ao questionário como autores(as) de violência e das pessoas que responderam ao questionário como familiares da criança/adolescente que sofreu violência**

O Quadro 3 sistematiza os indicadores levantados para os dois conjuntos e mostram:

- **No caso das pessoas encaminhadas para o projeto na condição de autores(as) de violência contra criança e/ou adolescente de sua própria família**, com base em classes modais e médias, pode-se dizer que: são mães; não conheciam o Noos antes de serem encaminhadas para o projeto e chegaram a ele com expectativa predominantemente positiva em relação ao trabalho; são brasileiras e nascidas no Estado do Rio de Janeiro; declararam-se principalmente de cor branca; em sua maioria não professam uma religião; moram em casa com 3,4 pessoas em média; todas tiveram pelo menos um filho(a); a maioria trabalha por conta própria no setor de serviços, com renda média pessoal mensal de R\$2092,00 e mediana de R\$600,00. Concordam que a criança/adolescente encaminhada para o projeto como vítima de fato sofre violência na família; a metade delas afirma ter sido vítima de violência intrafamiliar em sua família de origem quando era criança e/ou adolescente. São pessoas que têm como principal atividade de lazer individual as visitas a amigos e de lazer com a família as visitas a parentes, a frequência a bares, restaurantes e lanchonetes e os passeios em praças e parques públicos.
- **No caso das pessoas que participaram do projeto na condição de familiares das crianças e/ou adolescentes encaminhadas como vítimas de violência intrafamiliar**, com base em classes modais e médias, pode-se dizer que: são pais e avós; não conheciam o Noos antes de serem encaminhadas para o projeto e chegaram a ele sem saber exatamente o que esperar do trabalho; são brasileiras e nascidas no Estado do Rio de Janeiro; declararam-se principalmente brancas; em sua maioria professam uma religião; moram em casa com 4,3 pessoas em média; todas tiveram pelo menos um filho(a); a maioria trabalha por conta própria no setor de serviços, com renda média pessoal mensal de R\$1972,00 e mediana de R\$650,00 Concordam que a criança/adolescente encaminhada para o projeto como vítima de fato sofre violência na família; a metade delas afirma ter sido vítima de violência intrafamiliar em sua família de origem quando era criança e/ou adolescente. São pessoas que têm como principal atividade de lazer individual as visitas a amigos e a navegação na Internet e de lazer com a família os passeios em praças e parques públicos.
- **Ainda que os perfis apresentem muitas semelhanças, vale destacar as seguintes diferenças:**
  - ✓ A predominância de mães entre os autores de violência e de pais entre os familiares.
  - ✓ As expectativas com o trabalho ao chegar para iniciá-lo.

- ✓ O fato dos(as) autores(as) declararem-se predominantemente sem religião e o inverso entre os familiares.
- ✓ Maior proporção de pessoas inseridas no mercado de trabalho entre os familiares do que entre os autores(as) ainda que o seu perfil de inserção seja bastante semelhante.
- ✓ Diferenças nas atividades de lazer, tanto individual quanto em família.

### Quadro 3

Indicadores para o conjunto de pessoas que responderam ao questionário como autor(a) de violência e para o conjunto de pessoas que responderam ao questionário como familiares da criança/adolescente que sofreu violência

Indicadores	Autores(as)	Familiares
Relação de parentesco com quem sofreu violência		
Mãe	80%	13%
Pai	20%	38%
Avó	0	25%
Tia	0	13%
Outro parentesco	0	13%
Indicadores	Autores(as)	Familiares
Tinha conhecimento prévio do Noos	Não (100%)	Não (100%)
Palavras que melhor expressam o sentimento ao chegar no Noos para o trabalho	Curiosidade e Esperança (2/10 cada)	Dúvida (2/8)
Nacionalidade brasileira	100%	100%
Classe modal de naturalidade	RJ (70%)	RJ (88%)
Classe modal de cor/raça	Branca (56%)	Branca (71%)
Classe modal de professar ou não uma religião	Não (56%)	Sim (83%)
Classe modal de religião professada	Católica (2/4)	Católica (3/5)
Proporção que tem filhos	100%	100%
Número médio de filhos	2	1,67
Proporção que está trabalhando	70%	83%
Classe modal de posição na ocupação de quem está trabalhando	Conta própria (4/7)	Conta própria (4/5)
Classe modal de setor de atividade de quem está trabalhando	Serviços (5/7)	Serviços (3/5)
Renda pessoal bruta mensal média	R\$2092,00	R\$1972,00
Renda pessoal bruta mensal mediana	R\$600,00	R\$650,00
Número médio de pessoas no domicílio	3,4 pessoas	4,3 pessoas

<b>Indicadores</b>	<b>Autores(as)</b>	<b>Familiares</b>
Classe modal de ajuda com que contam os responsáveis pela criança/adolescente que sofreu a violência para cuidar dela	Sim: alguém com quem posso deixá-lo fora de casa (4/10)	Sim: familiar com quem posso deixá-lo em casa (2/8)
Proporção que concorda que a criança encaminhada sofre violência na família	60%	63%
Proporção que acha que outra criança na família além da encaminhada também sofre violência na família	10%	25%
Proporção que declara ter sofrido violência em sua família de origem quando era criança e/ou adolescente	50%	50%
Proporção que declara ter sofrido violência fora da família de origem em algum momento da sua vida	30%	13%
Principal forma de lazer individual	Visita a amigos (33%)	Praças e parques públicos (22%)
Principal forma de lazer em família	Visita a parentes; Bares, restaurantes e lanchonetes; praças e parques públicos (27% de cada)	Visita a amigos e Internet (40% cada)

## **II. GRUPOS FOCAIS: estratégias e dificuldades**

### **1. Etapa de convite e agendamento**

O primeiro formato para os grupos focais de avaliação contava com a realização de grupos com os beneficiários do projeto tendo como a característica principal definida o tipo de encaminhamento para o projeto (autor ou vítima da violência denunciada) e, se possível, idade (adultos e adolescentes)<sup>12</sup>. Ficou acordado que, caso não fosse possível a montagem de um grupo de adolescentes, aqueles que aceitassem participar da avaliação seriam incorporados ao grupo focal de familiares adultos. Esse formato resultaria na realização de três grupos:

<sup>12</sup> Conforme disposto em "Encaminhamento da pesquisa de avaliação do Estreitando Laços", acervo interno da coordenadora da equipe de pesquisa Marina Sidrim Teixeira.

- a) um com denunciados como autores (homens ou mulheres de qualquer idade);
- b) um com membros adultos das famílias do(a) denunciado como autor(a);
- c) um com membros adolescentes das famílias do(a) denunciado como autor(a).

Diante disso, a equipe responsável pelos convites aos participantes dos grupos focais reuniu-se pela primeira vez no dia 22 de fevereiro<sup>13</sup>, na sede do Instituto Noos. Trabalhou-se de acordo com o quadro de informações a respeito de dez famílias e duas adolescentes em situação de abrigo, disponibilizado pela coordenação do projeto, respeitando-se as observações constantes em cada caso e com o devido cuidado no estabelecimento dos contatos telefônicos para evitar promover (mais) conflitos intrafamiliares ou encontros indesejados. Além disso, em conversa informal com uma das coordenadoras do projeto<sup>14</sup>, obtivemos as informações de que duas famílias foram desligadas por falta, uma por falta de demanda, duas com perda de contato ou sem contato algum.

A primeira estratégia para esta etapa foi averiguar com os “adultos” e “adultos autores/ denunciados” suas disponibilidades para o grupo focal nos dias primeiro e dois de março, respectivamente<sup>15</sup>. Feito isso, partiu-se para os contatos com os/as adolescentes com a proposta de grupo no dia três de março. A ordem de distribuição dos grupos foi uma decisão acordada entre a equipe de pesquisa e que poderia ser flexibilizada de acordo com a recepção e disponibilidade das famílias.

Contabilizando, o grupo focal com os “autores/ denunciados” tinha doze pessoas em potencial e, o grupo dos adultos e o grupo de adolescentes, igualmente dez. As tentativas de contato telefônico para localização dos participantes não se esgotaram no primeiro dia, e aconteceram na parceria das assistentes de pesquisa ao longo dos dias 24, 25 e 26 de fevereiro. Veremos o processo de agendamento para cada um deles a seguir.

---

<sup>13</sup> Os contatos foram feitos por Rita Flores Müller e Mariah Maia.

<sup>14</sup> Foi a equipe de avaliação que pediu à Raquel Ciancio que informasse brevemente a situação de cada família no projeto depois de verificar a existência de alguns contatos telefônicos sem retorno imediato.

<sup>15</sup> As instalações do Instituto Noos para a realização dos grupos focais foi reservada de 14 a 18 horas e definiu-se o horário de 15 horas como sendo o mais propício para o início, seguindo-se a orientação da coordenação do Projeto Estreitando Laços.

## 2. Grupo focal com adultos

O grupo com adultos foi o primeiro a ser definido com a aceitação inicial de quatro participantes e duas possibilidades em aberto. Do total de dez contatados e excetuando-se os aceites, podem-se resumir os contatos não exitosos da seguinte forma:

- Uma recusa alegando-se indisponibilidade de horário;
- Um telefone que não completou chamada;
- Um telefone que não correspondia à pessoa;
- Um participante que viajou no dia do grupo focal e informou que ficaria fora do Rio de Janeiro durante todo o feriado de carnaval.

Os casos denominados “em aberto” referiram-se a:

- Um participante que estava viajando e pediu que a equipe o contatasse na véspera do grupo para saber da sua disponibilidade. Observou-se que possivelmente a brevidade e rapidez verificadas no contato telefônico deveram-se à ligação ser em *roaming*.
- Uma mudança familiar de estado com o adolescente, mas que a família estaria no Rio de Janeiro na época do grupo focal. Nesse caso, o único contato exitoso foi feito com um parente da participante que estava de posse do celular desta. Bastante incentivadora da participação da convidada no grupo focal, além de intermediar o contato, confirmou o email (ao qual tinha acesso) e anotou o celular da assistente de pesquisa para transmissão do recado. Ao telefone foi combinado o envio por *email* do convite para a participação no grupo, mas nenhuma resposta foi retornada (seja por *email* ou pelo telefone).

Na véspera da data do grupo, contatos de confirmação foram realizados com todos os participantes. Dos quatro aceites, dois cancelaram a participação<sup>16</sup>. Dos casos

---

<sup>16</sup> Ambos alegaram outros compromissos que impediriam a presença no grupo focal.

em aberto, o primeiro não aceitou, e o segundo não teve retorno do contato intermediado pelo parente.

Portanto, o único grupo focal de avaliação do Projeto realizado contou com a participação de duas mulheres<sup>17</sup>, ambas responsáveis e não praticantes de atos de violência ou maus-tratos contra os adolescentes em questão. A primeira a chegar pontualmente às 15 horas esperava encontrar na facilitação do grupo as profissionais Cynthia Ozon e Raquel Ciancio, pois relatou que estava precisando falar sobre um episódio recente de violência que envolvia a adolescente pela qual é responsável<sup>18</sup>. Elaine expressou a decepção quando se deparou com a equipe de avaliação composta pela facilitadora<sup>19</sup>, relatora<sup>20</sup> e o responsável pela gravação do mesmo<sup>21</sup>. Certo grau de desconforto foi sentido por todos os presentes na sala, exacerbado pela silenciosa cena que colocava a participante como minoria no local, ou seja, havia mais equipe de trabalho do que convidados para o grupo que ainda aguardava a chegada da segunda participante.

Passados os vinte minutos de tolerância, o grupo foi iniciado com a aposta de que o mal-estar instaurado poderia ser revertido em participação ativa de Elaine, dado o tempo necessário para desfazer o mal-entendido e explicar que se tratava de um grupo de avaliação do projeto como um todo e não de um novo encontro de atendimento. Edite, a segunda participante, chegou aproximadamente trinta minutos após o início do grupo quando Elaine praticamente encerrava sua participação. Porém esta aceitou a proposta de permanecer até o término do grupo, ouvindo aquela e contribuindo com possíveis questões que não tivessem sido ditas ou contempladas até então. A sistematização do conteúdo qualitativo do grupo focal de acordo com o roteiro elaborado para a etapa de avaliação será abordado no tópico II.

---

<sup>17</sup> A fim de garantir o anonimato das participantes, estas serão identificadas como Elaine e Edite para a primeira e segunda, respectivamente.

<sup>18</sup> Segundo ela em trecho da transcrição do grupo focal: “Eu até ia trazer ela [minha sobrinha] hoje mas até achei que fosse a Raquel e a Cynthia, eu queria falar com ela, conversar com ela” (Elaine, adulta).

<sup>19</sup> Rita Flores Müller.

<sup>20</sup> Mariah Maia.

<sup>21</sup> Júlio César Sanches.

### **3. Grupo focal com adultos “autores/ denunciados”**

Esse grupo tinha o total de doze contatos a serem feitos e a proposta de data inicial para sua realização era a quinta-feira (03/03) às 15 horas. Na primeira tentativa de convite, obteve-se apenas um aceite e as seguintes dificuldades:

- Um participante viajando na ocasião;
- Uma recusa direta alegando-se indisponibilidade de horário;
- Um recusa depois de idas e vindas nos contatos telefônicos: nesse caso, a recusa foi declarada após pelo menos três ligações e se estendeu à adolescente na possibilidade de participação no grupo dos adultos. Inicialmente, alegou-se a dificuldade com a passagem até o bairro de Botafogo. Um problema de saúde no braço implicava a companhia da adolescente no grupo dos adultos, saída acolhida e incentivada pela equipe de agendamento. Esta, porém, trabalhava à tarde, o que somou às dificuldades identificadas pela adulta que consultaria a filha quanto à escala de trabalho no dia do grupo. Na última investida por parte da assistente de pesquisa, a participante recusou-se de forma definitiva. Segundo informação da coordenação do projeto, no caso desta família perdeu-se o contato.
- Uma recusa justificada após a expressão das insatisfações de modo informal. Nesse caso, o participante bastante insatisfeito expressou-se ao telefone no ato do convite por aproximadamente vinte minutos. Sentimentos como “descrença” no projeto e na instituição, falta de acolhimento e de apoio por parte do projeto foram relatados por ele. A insatisfação se estendeu também ao Conselho Tutelar (sem especificá-lo). No entanto, nenhuma tentativa de sensibilização para a participação no grupo ou relato por email foi exitosa com o participante, muito pelo contrário. A veemente recusa expressou-se em tom de desabafo, rejeitando-se qualquer tipo de proposta de diálogo<sup>22</sup>.
- Uma recusa do adulto e estendida à adolescente;

---

<sup>22</sup> Segundo informação da coordenação do projeto, a família do participante foi uma das que recebeu a observação “sem contato”.

- Um contato de telefone celular permanentemente na caixa postal, e sem retorno das mensagens deixadas pela equipe<sup>23</sup>;
- Uma dificuldade de participação justificada tanto pela proximidade da viagem que a participante faria no carnaval, como pela gravidez em estado avançado;
- Um participante sem contato telefônico<sup>24</sup>;
- Um participante com compromissos no horário do grupo, mas que mesmo assim, tentaria estar presente;
- Dois participantes não localizados nos telefones fornecidos<sup>25</sup>;

Diante das dificuldades encontradas, optou-se por uma nova proposta de grupo, antecipando-o para a quarta-feira (02/03) no mesmo horário. Neste caso, perdeu-se o único aceite anterior, mas duas pessoas alegaram que preferiam a quarta ao invés da quinta por conta de seus compromissos, definindo-se a realização do grupo na segunda data. Infelizmente, no dia marcado, uma das participantes telefonou para o Instituto Noos e justificou sua dificuldade para estar presente<sup>26</sup>. Frente à ausência desta e o avançado da hora, a equipe contactou o segundo participante e foi informada que este não chegaria a tempo no grupo, apesar de ter declarado preferir a quarta à quinta para participação neste.

#### ***4. Grupo focal com adolescentes<sup>27</sup>***

O grupo dos adolescentes apresentou dificuldades que repetiram as sentidas no agendamento dos demais grupos, com um diferencial (agravante): a recusa estendida de pais e mães aos seus filhos. Para a realização desse grupo contou-se com dez contatos. Destes, três foram casos de recusas estendidas, considerando-se ainda que dos dez adolescentes, apenas dois contatos foram diretamente com estes e não através dos

---

<sup>23</sup> Segundo informação da coordenação do projeto, a família foi uma das que recebeu a observação “sem contato”.

<sup>24</sup> Segundo informação da coordenação do projeto, a família foi “desligada por falta”.

<sup>25</sup> Segundo informações da coordenação do projeto, respectivamente foram os casos de “perda de contato” e “sem contato”.

<sup>26</sup> A participante sempre se mostrou disposta e ciente da importância do trabalho de avaliação, e contribuiu enviando sua avaliação por escrito dias depois. Os principais motivos para seu não comparecimento ao grupo focal foram a gravidez em estágio avançado e a dependência da carona do companheiro.

<sup>27</sup> Segundo o ECA art. 2º “considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”.

Fonte: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm), acesso em 22/03/2011.

membros da família, em especial o pai ou a mãe, mas também as avós. Muitos não tinham telefone celular próprio ou esbarraram na dificuldade de contato com os próprios adultos, como relatado anteriormente. Um dos adolescentes mudou-se do Rio de Janeiro.

Das duas adolescentes abrigadas, uma não foi localizada no contato informado<sup>28</sup> e a outra apresentou problema com o horário do grupo, pois estuda à noite e, morando longe do Noos, afirmou que não chegaria a tempo para a aula. No quadro de informações foi sinalizado que nesse caso, não se conseguiu abordar as famílias e as próprias quase não aderiram ao projeto.

### ***5. Nova proposta de data para grupo focal misto***

Duas foram as hipóteses consideradas pela equipe de avaliação para a dificuldade de realização dos grupos: o horário do grupo focal às 15 horas e a proximidade da data com o feriado de carnaval. Como última tentativa para contornar ambos os entraves, os participantes que estavam ausentes do Rio de Janeiro ou que alegaram não poder participar devido ao horário do grupo foram consultados quanto à realização de um novo grupo, desta vez na semana seguinte ao feriado de carnaval, em sete de março às 18h30minh ou 19 horas.

Seis participantes receberam o novo convite para a composição de um grupo misto que reuniria: cinco adultos “autores/ denunciados” e uma adolescente. Dos cinco adultos:

- Um não retornou da viagem na data informada estando todo o período do agendamento fora do Rio de Janeiro.
- Um participante afirmou que ainda estaria viajando.
- Um alegou compromissos mas também não descartou a possibilidade de estar presente (repetindo o ocorrido nos contatos anteriores).
- Uma recusa devida à impossibilidade naquela data.

---

<sup>28</sup> O contato inicial da adolescente era na Casa de Acolhida do Catete. No entanto, conforme informação da assistente social da referida Casa, procurou-se pela adolescente em seu estágio na RIOURB, cujo telefone ninguém atendeu, apesar de confirmado no site da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro e reconfirmado pela assistente social que o disponibilizou e que não tinha outro telefone da participante. Algumas investidas em telefones de outros setores foram feitas, mas sem conseguir localizar a responsável pelo estágio da adolescente.

- Uma impossibilidade devido ao horário de trabalho de plantão (de 8 a 20 horas).

Diante da situação dos contatos com os adultos, desistiu-se da nova tentativa de grupo focal, e incluindo a adolescente, todos os participantes receberam a notícia de que não haveria novo grupo e que a equipe de avaliação gostaria de contar com os relatos enviados por email, após disponibilizarmos o roteiro de perguntas.

Cabe ressaltar que as reações ao convite para participação de um grupo focal de avaliação foram diversas. Inicialmente, muitos expressaram desconhecimento do assunto com perguntas como: “Estreitando Laços? Você pode me dizer do que se trata porque eu não sei”, ou ainda: “mas eu nunca participei disso” e “estreitando laços, é coisa da igreja?”; “mas os encontros já não acabaram? Eu não posso ficar indo toda hora para Botafogo”. Daí surgiu a necessidade de uma sinopse prévia de cada família apresentada no quadro já citado.

## ***6. Alternativas às dificuldades na efetivação dos grupos focais: contatos por email e seus desdobramentos***

Os contatos por *email* foram estratégias utilizadas pela equipe em diferentes momentos para contornar dificuldades e agregar à investida a importância da presença no grupo focal de avaliação. Inicialmente contornando as dificuldades de contatos telefônicos exitosos e, posteriormente, como um canal de comunicação entre o/a participante e o projeto. O endereço eletrônico utilizado foi o do próprio Estreitando Laços ([estreitandolacos@noos.org.br](mailto:estreitandolacos@noos.org.br)).

### **6.1. Correspondência eletrônica na etapa de convite e agendamento dos grupos.**

Investidas por correio eletrônico foram feitas àqueles participantes que tinham *email* no quadro-base de trabalho – e que eram em número de sete. Além do objetivo de reforçar a importância da participação, a ação foi um meio encontrado para contatar os participantes que não tinham sido localizados diretamente pelo telefone, estavam fora do Rio de Janeiro ou deixaram a decisão de participar “em suspenso”, abrindo

possibilidade para uma nova tentativa. Este convite foi enviado com título: “Convite para grupo Estreitando Laços” e teve o seguinte formato:

Prezado participante,

O Projeto Estreitando Laços convida você para participar do grupo de avaliação com o objetivo de conversar sobre o trabalho realizado ao longo dos encontros, as dificuldades encontradas, os pontos positivos e negativos.

Dia: 01 de março, TERÇA-FEIRA  
Horário: 15 horas  
Local: na sede do Instituto Noos  
Rua Álvares Borghert, 27 – Botafogo

Para confirmar presença ou tirar dúvida, consulte a equipe de agendamento nos telefones abaixo:  
(21) 8221-5688 - Rita  
(21) 9642- 9762 - Mariah

Sua presença é fundamental. Contamos com você.  
Atenciosamente,  
Rita Flores Muller e Mariah Maia

Dos cinco convites enviados, apenas uma resposta foi recebida. Nesse caso, o email enviado cumpriu o objetivo de compensar a falta de retorno por telefone, pois os recados deixados na secretária eletrônica não tinham tido sucesso. A participante utilizou o espaço para justificar sua ausência no grupo focal, contextualizando-a em relação à avaliação prévia que apresentou do projeto. Ainda que bastante desmotivada, abriu margem possível de participação desde que o grupo fosse marcado em outro dia. Neste caso em especial, a participante chegou a confirmar presença no grupo focal de nova data, mas não conseguiu estar presente. Sua participação na avaliação do projeto se deu pelo pedido formal de retorno por email, como veremos a seguir.

## **6.2. Pedido de avaliação do projeto Estreitando Laços por *email*.**

Na etapa de solicitação de retornos individuais e por *email*, a correspondência eletrônica foi pedida aos participantes após a decisão de que não seria realizado outro grupo focal, conforme detalhado anteriormente. Todos os participantes foram consultados pelo telefone sobre esta possibilidade, tiveram seus emails confirmados ou

informados e estavam dispostos a contribuir. Cinco pedidos foram enviados com título: “Avaliação do projeto Estreitando Laços” no seguinte formato:

Caro participante,

Conforme combinamos, enviamos o roteiro elaborado para o grupo final de avaliação do Projeto Estreitando Laços. Aproveitamos para agradecer-lo pela oportunidade que estamos tendo de ouvi-lo. Ainda que não possa estar presente no grupo, este email se constitui em um importante canal de comunicação entre você e o projeto.

Cordialmente,

Marina Sidrim, Rita Flores Müller e Mariah Maia.

Equipe de avaliação e agendamento.

Desta forma, o objetivo foi minimizar a falta de elementos qualitativos em decorrência dos grupos não efetivados, e aproveitar a receptividade dos participantes para garantir suas avaliações ainda que por escrito. Três importantes retornos foram recebidos por aqueles que apresentaram maior disponibilidade para fazê-lo. Identificou-se que um dos participantes receptivo em confirmar presenças no grupo focal, apesar de não poder ir, repetiu o aceite de enviar a avaliação por escrito, mas não o fez. Neste caso, concluiu-se que pode se tratar de uma recusa não declarada à participação na etapa de avaliação.

No percurso desta estratégia, foi apresentada a uma das adolescentes contatadas que não possuía *email* (a não ser o da irmã) a possibilidade de uma entrevista presencial com a assistente de pesquisa responsável. O fato de ambas residirem no mesmo bairro facilitou a superação da dificuldade que a participante tinha com seus horários de trabalho e de estudo. Abordaremos a seguir esta novidade em relação ao campo de pesquisa.

## ***7. Entrevista com a adolescente.***

Sem dúvida, a receptividade da participante em questão foi desde o início dos contatos o elemento-chave para que a assistente encontrasse nela a abertura para sua “insistência produtiva”. Além disso, levou-se em consideração uma observação presente no quadro-base de trabalho que dizia – “vale a pena chamá-la”. Diante das dificuldades de contato com os demais adolescentes já relatadas, esta jovem ocupou uma posição de interlocutora privilegiada para compensar a lacuna deste grupo em especial. Isso porque

como os adolescentes não constituíram um grupo “puro” como se previu no início e, tampouco se conseguiu agregá-los ao grupo de adultos realizado dada a dificuldade de localizá-los ou as recusas prévias de seus responsáveis, a referida entrevista seria a última possibilidade de obter algum tipo de retorno que contemplasse – ainda que simbolicamente – a lacuna descrita. O encontro aconteceu no bairro de residência da adolescente e a gravação foi autorizada<sup>29</sup>. O conteúdo da entrevista será abordado no tópico II a seguir, juntamente com os demais enunciados dos grupos e das avaliações por escrito.

### **III. AS FAMÍLIAS: avaliação do Projeto Estreitando Laços**

No presente tópico faremos a sistematização dos conteúdos de avaliação reunidos na participação de cinco adultos (quatro mulheres e um homem) e uma adolescente assim configurados:

- a) um grupo focal com duas mulheres identificadas como “adultos responsáveis pela criança ou adolescente<sup>30</sup>”.
- b) três avaliações por escrito via correio eletrônico, somando a participação de duas mulheres identificadas pelos encaminhadores como “autoras da violência” e um homem “responsável” pela adolescente<sup>31</sup>.
- c) uma entrevista individual realizada com adolescente que participou integralmente dos encontros do projeto Estreitando Laços<sup>32</sup>.

Para isso, entende-se que os conteúdos podem ser analisados na polifonia de seus enunciados, respeitando-se os contextos em que foram construídos na relação dialógica com a equipe de avaliação. Além do objetivo geral desta etapa, cada retorno obtido foi comemorado porque representou simbolicamente o laço estabelecido entre o/a participante e o trabalho realizado que demarcou para nós os pontos positivos e negativos do Estreitando Laços, a partir da posição de fala de cada um dos sujeitos.

---

<sup>29</sup> A assistente de pesquisa propôs o Jardim do Palácio do Catete para a realização da conversa, às 19 horas.

<sup>30</sup> Neste caso, os trechos das falas citados indicarão a referência ao grupo focal, pois as duas participantes são adultas responsáveis pelos adolescentes.

<sup>31</sup> Neste caso, os trechos das falas terão a referência “avaliação enviada por email”, seguido da informação: adulto “responsável” ou “autor” da violência.

<sup>32</sup> Neste caso, os trechos das falas informarão: entrevista individual, adolescente.

O roteiro elaborado para os grupos focais (e que foi utilizado nas avaliações individuais por escrito<sup>33</sup>) abordou questões relativas à criação do Estreitando Laços, à recepção das famílias diante da proposta de encaminhamento, ao entendimento dos objetivos do Projeto, dificuldades para participação e sua superação, mudanças promovidas na família, aspectos positivos e negativos do projeto e sugestões para seu aprimoramento. A sistematização do conteúdo qualitativo terá como eixo os tópicos do roteiro.

### ***1. Percepção acerca da motivação para a criação do Estreitando Laços***

Questão: Por que você acha que um projeto como o Estreitando Laços foi criado?
--

Segundo os participantes, o projeto Estreitando Laços, como o nome indica, foi criado para oferecer atendimento gratuito às famílias em situação de violência contra crianças e adolescentes. Esse entendimento foi compartilhado pela maioria destes, enfatizando ainda que o projeto visa “aproximar a família” tendo sempre como foco a criança e o adolescente que está sofrendo os episódios de violência nas suas diversas formas.

“O que compreendi a princípio, nos encontros com a equipe social do Conselho Tutelar, era que **o projeto estreitando laços como o nome já pressupõe, busca estreitar os laços entre os membros da família onde o menor é o foco**. Acredito que a intenção de estreitar os laços desses membros, vai ajudar o menor a enfrentar suas dificuldades e conseguir superar os desafios que cada “família-menor vivencia” (avaliação enviada por email, adulta “autora”).

“Não sei, mas assim, **estreitando laços é para aproximar a família**, não é?” (grupo focal).

“Considero o trabalho de vocês de muita valia para muitos casos onde ocorre violência familiar e, através, dos encontros, **busca-se uma reflexão com profissionais notadamente capacitados para que haja um entendimento**, pelas partes envolvidas, de onde houve erros de conduta ou de comportamento (avaliação enviada por email, adulto “responsável”).

---

<sup>33</sup> Vide roteiro em anexo.

“Para **ajudar famílias que estão com problemas**, eu não sei” (entrevista individual, adolescente).

No relato a seguir, o “desinteresse” e a “falta de apoio” dos demais membros da família para lidar com o caso da criança que sofre a violência dos adultos foram os fatores identificados pela participante, motivo pelo qual chegou ao Estreitando Laços sob encaminhamento do Conselho Tutelar:

“No meu caso, quando eu vim para aqui, tinha muitas coisas, mas o problema que mais me atingia e estava abrangendo muito era o desinteresse da família, porque eu vim mandada exatamente pelo Conselho Tutelar, porque como eu crio o meu neto que a minha filha morreu. Perdi a filha, eu só tinha três filhos, a minha filha morreu, fiquei com esse neto, fiquei perdida, e a família, os dois filhos que eu tinha não apoiaram e nem o meu marido, então quer dizer, o avô não apoiou, ninguém” (grupo focal).

“Estamos vivendo um problema familiar que foi parar na justiça, onde nos encaminharam para o **serviço de terapia familiar**” (avaliação enviada por email, adulto “responsável”).

“O G. apanhava do tio, porque ele também tem um jeitinho assim desmunhecado, eu disse, bom, seja ele o que for, ele é gente, é um ser humano e vai ter que ser apoiado, não é descartável que a gente possa jogar fora. **E ficou muito difícil para mim porque todos diziam: ele está errado**” (grupo focal).

A participante a seguir destaca que o Projeto Estreitando Laços oferece um atendimento ao alcance de todos, ou seja, um serviço que muitas vezes só é acessível a quem tem recursos financeiros para tal:

“Para que pessoas de baixa renda pudessem ter acesso a um serviço que, até pouco tempo, somente quem tinha recurso financeiro tinha acesso” (avaliação enviada por email, adulta “autora”).

## ***2. Recepção e entendimento do Estreitando Laços.***

Questão: Quando a sua família foi encaminhada para o projeto como você recebeu a proposta? Você teve clareza do que era o projeto? E quando chegou até aqui, mudou o seu entendimento quanto ao que era o projeto?
--

Sobre **como as famílias receberam a proposta** para participar do Projeto Estreitando Laços, o desejo de que fossem orientadas no encaminhamento e resolução de seus conflitos foi a tônica das respostas a esta pergunta. No caso das duas participantes do grupo focal com adultos, o encaminhamento ao Projeto foi acolhido como a possibilidade de buscar apoio e sensibilizar a família para o problema, embora ambas identifiquem que a recepção da família ao convite não foi satisfatória, apesar das investidas tanto por parte do Estreitando Laços como destas também.

“Eu queria que ajudasse mesmo. [...] Foi o problema da minha sobrinha, a minha irmã espancava ela, maus-tratos essas coisas assim, aí a filha dela denunciou, foi para o Ministério Público, do Ministério Público veio para cá, **daí eles acharam melhor como a família tinha um problema essas coisas, querer tratar. Só que eu vim umas dez vezes e a minha irmã, só veio uma, não sei.** Para mim ajudar, ajudou, como eu vou dizer, ficar mais calma, eu era muito estressada, só que, como eu falei para a [coordenadora], paciência tem limite, e a minha paciência só esgotou. Para mim ajudou nisso, mas na minha família, continua a mesma coisa”. (grupo focal).

“Todos receberam [o convite para o Estreitando Laços] inclusive o G. ficou dois meses com a V., ele chegou a passar uns dois meses na casa dela, ela também participou aqui uma vez, foi convite para ela também. Só mesmo meu filho e minha nora que não veio, mas, ah e o meu marido também. **Mas o convite foi para todos** e inclusive a equipe do projeto chamou ele também depois, meu marido foi convidado pelo telefone. **Ela insistiu muito para que ele viesse, mas ele realmente não veio**” (grupo focal).

Uma das participantes “denunciada ou autora da agressão” expressa, em relato por escrito, que sentiu medo frente ao encaminhamento para participar do Projeto. Já a adolescente entrevistada fala de um sentimento de dúvida, seguida da sensação de que “algumas coisas na sua família iam mudar e outras não”. O foco no bem-estar da criança no primeiro caso e na união da família no segundo podem ser identificados nas falas. Seguem os trechos referidos, respectivamente:

“Senti medo, mas ao contrário de quando recebi a notícia de que não tinha mais a guarda do N., reuni todas as minhas forças, embora grávida e me dediquei em tudo que fui orientada para o melhor pelo [meu filho]. Achei extremamente necessária”. (avaliação enviada por email, adulta “autora”).

“Foi através de um ocorrido e foi a assistente social que nos encaminhou. Eu fiquei meio em dúvida [quando recebeu a proposta do Estreitando Laços] porque por mais que na minha família a gente converse, todo mundo senta e conversa mas nunca entra em acordo, sempre assim, então foi uma sensação de alguma coisa ia mudar e outras não iam” (entrevista individual, adolescente).

**A maioria dos/as participantes afirma ter entendido os objetivos do Projeto** quando receberam o convite e **este entendimento não mudou quando as reuniões foram iniciadas efetivamente**. Exceto para a adolescente, ao afirmar que seu entendimento mudou quando chegou ao Noos, mas não quis falar sobre o assunto.

[sobre o entendimento quanto ao que era o projeto] “Não. Apenas o que diferencia o atendimento terapêutico do Noos é que temos um acompanhamento limitado até sete sessões” (avaliação enviada por email, adulta “autora”).

“Acho que já respondi, mas creio que compreendi sim, não conseguimos alcançar o objetivo, mas já foi muito importante pelos vários bons frutos que estamos colhendo” (avaliação enviada por email, adulta “autora”).

“Rita: então posso dizer que você recebeu bem a proposta e quando você recebeu a proposta você entendeu bem o que era? Você teve clareza do que o projeto se propunha?

Adulta: Eu gostei. Eu gostei das meninas, mas como eu falei, na minha família, o projeto para ajudar não foi culpa do projeto, foi culpa mesmo das pessoas, eles tinham que vir aqui e nunca vinham”. (grupo focal).

### ***3. Dificuldades para participação no Estreitando Laços***

Questão: Você teve dificuldades para participar do projeto? Quais? Foi possível superar?
--

As dificuldades relatadas para participação no Estreitando Laços foram diversas: os agravantes do início de uma gravidez aliados à distância geográfica do Instituto Noos em relação à residência da participante; dificuldades de locomoção na descida do morro devido à enfermidade nas pernas; necessidade de driblar os horários de trabalho e de estudo para comparecer aos atendimentos. No entanto, apesar das elencadas, pode-se

afirmar que as dificuldades foram superadas e nenhuma foi realmente impeditiva da participação destas no Projeto.

“Sim, primeiramente começamos o projeto no início de minha gravidez e eu estava tomando progesterona, o que me abateu muito e me provocou muitos enjoos então, pedi que adiássemos para o final do terceiro mês os encontros” (avaliação enviada por email, adulta “autora”).

“Não, eu a única dificuldade que eu tenho é descer porque eu moro no Morro do Dona Marta e eu tenho dificuldade por causa das pernas né? E mais nenhuma, eu acho ótimo aqui as nossas reuniões, principalmente quando minha filha e minha neta veio, porque deu oportunidade [...]” (grupo focal).

Alguns relatos referem-se à dificuldade de sensibilização/mobilização dos demais familiares para que comparecessem aos atendimentos. Tema recorrente no grupo focal e na entrevista com a adolescente, nestes casos os sentimentos de impotência diante da não adesão destes somaram-se às justificativas de que para a transformação da dinâmica familiar e do “problema”, é necessária a união da família.

“Rita: [...] você está pegando já numa pergunta que é bem importante, você pode explorar bem, quais foram as dificuldades, avaliando para você foi muito bom, mas para a família nem tanto, o que você acha que não foi bom ou nesse caso, não deu certo?”

Adulta: Uns falam que trabalham, eu também trabalho. Daí como eu pedi a guarda dela então eu tinha que vir, não por obrigação, mas para ajudar também, e eles não, eles largaram de mão, ninguém quis se meter no problema de ninguém, querem resolver os seus e não os problemas dos outros, não é uma família unida” (grupo focal).

“Para tentar resolver as coisas lá de casa, se esse é o objetivo daqui por que não tentar? Acho que para querer ajudar eles também precisam querer” (grupo focal).

“A gente às vezes até fala que não quer, que não vai ajudar e tudo, mas todo mundo tem as dificuldades, tem que trabalhar, no caso trabalha e estuda, todos estão muito ocupados” (grupo focal).

“Tirando a parte do trabalho, não tive nenhuma dificuldade não. O único problema é que nunca ia a família junta, sempre ia de pouquinho”.  
[sobre a superação das dificuldades]: “sim, deu” (entrevista individual, adolescente).

Um relato em particular referiu-se a desencontros no agendamento e comparecimento nos atendimentos, não apenas entre os membros da família envolvidos, mas entre os beneficiários do projeto e a equipe gestora – informações desencontradas e uma ausência sentida em momentos-chaves dos encontros, conforme os trechos a seguir:

“Outra dificuldade foi no encontro super importante entre eu e a criança. Fui surpreendida com a ausência da Cynthia por motivos segundo ela profissionais, e ficamos somente eu a Raquel [e meu filho]” (avaliação enviada por e-mail, adulta “autora”).

“Fui avisada que o projeto acabaria no final do ano que passou e não conseguimos fechar a nossa participação no projeto devido ao tempo e horários , então [a coordenação] sugeriu uma data neste ano que pela boa vontade e pelo projeto dei prioridade e me organizei para estar lá, embora em horário que não poderia.

Como o projeto havia acabado e a Cynthia e a Raquel não estavam mais envolvidas tão diretamente como antes, Fui ao encontro entre os pais da [criança], aos 7 meses de gestação, desmarquei compromissos, me desloquei do Grajaú ate o Noos, a equipe não avisou ao pai, pois achava que não haveria encontro, mas, eu fui desta vez não estavam no Noos nem a Raquel nem a Cynthia. Fiquei MUITO [grifo do original] chateada, pedi para entrarem em contato com a Cynthia, pois os telefones que tenho são do Noos, coloquei que achei falta de profissionalismo e responsabilidade, lembrei que o meu tempo também estava tomado por vários compromissos e eu estava grávida, e tive que voltar para casa” (avaliação enviada por email, adulta “autora”).

De todos os participantes, apenas uma relatou não ter tido dificuldade para a participação no Projeto:

“Não tive nenhuma dificuldade, pois era do meu interesse e de grande necessidade esse momento. Cada encontro era esperado com ansiedade” (adulta “autora”, avaliação enviada por email).

#### ***4. Mudanças percebidas na família com a participação no Estreitando Laços***

Questão: Você acha que a participação no projeto trouxe alguma mudança para a sua família? Quais? Você acha que essas mudanças ocorridas na sua vida e de sua família serão duradouras? Por quê?

A maioria das participantes afirmou que o envolvimento no projeto Estreitando Laços trouxe alguma mudança para a família, para si mesmas, para as crianças e os adolescentes. Algumas percebem mudanças lentas, porém duradouras nos modos como a família foi afetada pela participação no projeto – mesmo que tenha sido a presença em uma ou duas reuniões, os relatos são otimistas quando avaliados em relação à temporalidade dos atendimentos. Para uma participante em especial, as mudanças na família não aconteceram porque somente ela dedicou-se a participar do Estreitando Laços. Por isso, a narrativa é de uma mudança sentida individualmente, enquanto a família permanece na mesma situação em relação ao envolvimento com o caso da adolescente, segundo suas palavras:

“Eu chegava aqui cheia de problemas das coisas que aconteciam lá em casa, hoje aconteceu também, e eu chegava aqui nervosa, sem saber o que fazia, e eu saía daqui mais calma, mais... light. [...] Eu vim umas dez vezes e a minha irmã, só veio uma, não sei. Para mim ajudar, ajudou, como eu vou dizer, ficar mais calma, eu era muito estressada, só que, como eu falei para a [coordenadora], paciência tem limite, e a minha paciência só esgotou” (grupo focal).

A participante a seguir identificou mudanças de atitude da família em relação à falta de apoio inicial vivida para lidar com a situação da criança (no caso, o neto). Segundo ela, tais mudanças podem ser justificadas pela participação de sua filha e neta em algum momento do Projeto. Entusiasmada, afirma que o processo de transformação é uma espécie de caminho sem volta.

“Eu acho que sim, como eu ia dizendo [...] porque eles nunca ajudaram em nada, eles se preocuparam um pouquinho de ajudar, na época do colégio minha nora foi comprar o material, eu disse assim então eu vou comprar o sapato, o tênis, meu filho disse assim, eu vou dar o tênis, **então eu acho que**

**houve alguma coisa porque na vinda da minha filha e da minha neta elas devem ter conversado, eles devem ter comentado alguma coisa assim, sobre família, não é?”** (grupo focal).

“[...] Eu digo assim, entre eles, o que foi falado aqui elas naturalmente levaram alguma coisa para os outros, devem ter comentado com os outros porque esse ano foi diferente. No início do ano todo mundo colaborou um pouquinho coisa que nunca tinha acontecido. Eu creio que valeu a pena, alguma coisa ficou” (grupo focal)

“Rita: Então a senhora acha que essas mudanças podem ser duradouras? Ou não?

Com certeza. **Porque uma vez você despertando é lógico que você não vai voltar atrás. Eles mudaram, essa parte aí eles mudaram”** (grupo focal).

Mudanças que promoveram a reaproximação entre mãe e filho, e a aproximação entre irmãos foram relatadas pelas participantes, segundo os trechos a seguir:

“Sim! Como mencionei acima, o [filho] está se encaixando na escola, não tem tido mais quadros graves de agressão e violência e começou a compreender que são necessários os limites e que existem conseqüências. Por isso, começamos a nos reaproximar, e isso é muito importante para nós dois”. (avaliação enviada por escrito, adulta “autora”).

“Adolescente: Trouxe um pouco porque antes a nossa família era meio desunida. Agora está um pouquinho só unida, um pouquinho, um pouquinho, um pouquinho, mas está melhor.

Rita: E para você que esteve lá em todos os encontros.

Adolescente: Da minha parte senti.

Rita: quer falar dessas mudanças?

Adolescente: assim, estou mais unida com meus irmãos, com o meu pai ainda não tive aquela união, essa foi a mudança, porque antes meus irmãos eram todos desunidos, um para cada canto, aí depois que a gente começou a ir no projeto daí ficamos mais unidos” (entrevista individual, adolescente).

“Rita: E você acha que essas mudanças são duradouras? Você acha que elas podem durar um bom tempo?

Adolescente: São.

Rita: e por que você acha isso?

Adolescente: porque no começo a gente não sabia o que era união, o que era confiança um no outro, depois que a gente começou a participar, a ir no projeto, na terapia em família, daí a gente foi vendo o que a gente estava

perdendo em não ter a união na família, por isso pode durar” (entrevista individual, adolescente).

### ***5. Sobre os convites para participação dos grupos de familiares.***

Questão: A maioria das pessoas foi convidada por carta ou telefone para participar de um grupo de familiares para conversar sobre dificuldades na educação dos filhos e compartilhar experiências. Muitos não vieram. Por que acha que isso aconteceu? Você participaria de um encontro assim? Por quê?

Algumas das justificativas identificadas para as ausências sentidas nos grupos de famílias foram: dificuldades financeiras, falta de tempo, dificuldades com o horário da atividade e na conciliação deste com os compromissos de estudo e de trabalho, percepções pessimistas atribuídas à proposta do Projeto Estreitando Laços (ou descrença), dificuldades de falar sobre o assunto e, em se tratando de violência na família, a pouca disponibilidade para operar mudanças em longo prazo, aliadas a sentimentos de desinteresse, desresponsabilização e barreiras impostas pelos adultos na participação dos adolescentes e das crianças.

**“Primeiro não tinha dinheiro e, acho que foi mais por causa disso. Só.**

Rita: a dificuldade financeira, de chegar até aqui.

Porque assim, as coisas lá de casa para resolver eu quase não trabalho, ou eu trabalho ou eu fico em, ou tenho que resolver as coisas que acontecem, aí geralmente eu ficava mais em casa do que no trabalho, porque eu não tenho um trabalho fixo agora” (grupo focal).

**“Olha, primeiro porque não levam a sério, acham desnecessário,** porque geralmente quando a gente toma uma decisão assim, no caso dele diz assim: ele tem que consertar e se é ele que tem que consertar não sou eu que vou correr atrás, é ele que tem que melhorar. **É uma certa maneira da gente tirar a responsabilidade da gente, não é, não vou, é ele que está errado, ele é que tem que procurar consertar.** Eu acho que é isso porque não é falta de tempo, a gente pode dizer assim, ah é por causa do horário, mas no meu caso o meu filho tinha folga nos dias que eu vinha aqui eu dizia, não forcei, mas não. Então é simplesmente desinteresse” (grupo focal).

**“Porque não é fácil conversar sobre nossos erros e estar disposto a mudar. Porque o tempo parece encurtar a cada dia,** podem ser por vários motivos, bem pessoais” (participante, por escrito).

“**Minha filha não veio aos encontros**, embora tivesse sido chamada e, **poderia dizer que nesse caso não houve interesse do pai que houvesse esse momento entre a gente**. Estamos procurando dar continuidade nesse caso em outro lugar” (avaliação enviada por email, adulta “autora”).

“**Na minha opinião porque não levaram fé no projeto**, assim, não sei, devem ter o mesmo problema que eu tive na família mas não levaram fé no que o projeto ia passar para eles, entendeu? (entrevista individual, adolescente).

“Quem convive num lar que é só briga, estresse todo dia e quando convidam, a pessoa diz: ah **para que eu vou se a minha família é assim, não tem mais jeito, não tem mais como consertar**. Mas sempre tem uma chance da família se reconstruir de novo, se unir” (entrevista individual, adolescente).

### 5.1. Motivos para a participação ou não nos grupos de familiares

Questão: você participaria de um grupo assim? Por que?

A proposta dos grupos de atendimento às famílias foi bem recebida pela maioria dos/as participantes com a justificativa de ser um trabalho de aprendizado e troca de experiências. Grupos de adultos e de adolescentes foram sugeridos e igualmente aceitos entre os participantes por constituírem-se em espaços de promoção de diálogo para e entre famílias que compartilham de situações de violência contra crianças e adolescentes.

“[...] **é bom estar em grupos eu acho que é sempre bom, então vale a pena, eu acho que vale a pena, grupos assim que não seja para estudar, mas para conversar**. Grupo de conversação porque a gente tem mais conhecimento, conversando, vendo o problema do outro, aprendendo e ensinando. Que a gente ensina aprendendo e aprende ensinando” (grupo focal).

“Sim, mas agora só daqui a pelo menos dois ou três meses, pois estou com 36 semanas e já não estou mais assumindo compromissos além das obrigações até o nascimento de minha filha e após um tempinho com ela sem estressar para não ter problemas com a amamentação e o leite. **Porque acredito que aprendo muito com as outras pessoas e suas experiências, fortalece**” (avaliação enviada por email, adulta “autora”).

“Adolescente: **Eu participaria porque eu queria que a minha família fosse mais unida do que ela é.**

Rita: então você acha que um grupo que reunisse a sua família e outras famílias também poderia ser uma boa proposta?

[...] valeria muito a pena.

Rita: e um grupo, por exemplo, que reunisse você e outras adolescentes, outros adolescentes, o que você acha? Participaria?

Participaria.

Rita: por que?

Adolescente: Porque lá cada um vai colocar a sua opinião, o seu modo de ver as coisas, aí lá a gente vai discutir as coisas, vai discutir, porque assim, **muitas vezes os adolescentes tem vergonha de falar na frente dos pais, e o adolescente junto com outros adolescentes vai se comunicar melhor, vai se abrir melhor**” (entrevista individual, adolescente).

“É uma boa idéia, botar só adulto e só adolescente, é uma boa” (grupo focal).

## ***6. Pontos positivos do Estreitando Laços***

Questão: Em sua opinião quais são os pontos positivos do projeto Estreitando Laços? Por quê?
---

Na opinião dos participantes, **o projeto Estreitando Laços reúne uma série de elementos que o caracterizam como um projeto promotor de transformações.** Entre estes elementos, pode-se elencar: oportunizar reflexões sobre família, amor e respeito; propor que se fale sobre a violência e suas zonas de silenciamento; ampliar os espaços de escuta e atenção a famílias em situações de violência contra crianças e adolescentes. Outros aspectos salientados referem-se à confiabilidade e segurança advindas do sentimento de pertença e inserção em uma rede de apoio.

“Um objetivo que considero bem especial que é **auxiliar e ajudar a transformar a educação de famílias (principalmente problemas de violência, certo?)**, dando a essas famílias a oportunidade de crescer com amor e respeito. Considero que existem muitas violências além da violência física. Infelizmente não conseguimos alcançar o objetivo, mas também estou aprendendo que desistir só quando não mais existir” (avaliação enviada por email, adulta “autora”).

“Participante 2: Olha, **para mim ele é bom porque quando se fala família já é família, a gente no caso, as nossas intimidades já é familiar, já fica bem espontâneo porque os problemas já são todos praticamente iguais, isso te dá uma certa segurança...**

Participante 1: Confiança...

Participante 2: **confiança, certeza de que a gente não é isento do problema.** Pode ter certeza de que você não é a única. Tem milhões, milhares de pessoas na mesma situação da gente. E é bom estar em grupos eu acho que é sempre bom, então vale a pena, eu acho que vale a pena, grupos assim que não seja para estudar, mas para conversar. Grupo de conversação porque a gente tem mais conhecimento, conversando, vendo o problema do outro, aprendendo e ensinando. **Que a gente ensina aprendendo e aprende ensinando”** (grupo focal)

“**Porque o assunto de família é meio difícil de conversar, e o projeto Estreitando Laços eles fazem um trabalho com as famílias** que assim, muita gente não consegue, daí é bom porque é sobre a família, a gente fala sobre a família” (entrevista individual, adolescente).

“**Acho que quando o ser humano tem um espaço para se escutado é muito bom.** Sem dúvida nenhuma que a terapia faz muito bem. **Acho bacana que as sessões sejam feitas por dois profissionais e ter um feedback de duas pessoas é muito bom”** (avaliação enviada por email, adulta “autora”).

“Considero o trabalho de vocês de muita valia para muitos casos onde ocorre violência familiar e, através dos encontros, busca-se, **uma reflexão com profissionais notadamente capacitados** para que haja um **entendimento, pelas partes envolvidas, de onde houve erros de conduta** ou de comportamento” (avaliação enviada por email, adulto “responsável”).

## ***7. Pontos falhos do Estreitando Laços***

Questão: E quais são seus pontos falhos? Por quê?
---

Os pontos falhos comuns identificados pelos/as participantes na avaliação referem-se ao número limitado de sessões do Estreitando Laços diante das excessivas dificuldades e do escasso diálogo nas famílias; a ausência sentida de um fechamento/conclusão do caso; falta de comprometimento da coordenadora do projeto em uma situação específica relatada; ausência sentida de um acordo por escrito que reflita os

pontos acordados por ambas as partes envolvidas no caso, incluindo-se o órgão que realizou o encaminhamento<sup>34</sup>.

“Em relação à falha eu diria que é a limitação do número de sessões. Infelizmente as famílias têm pouco tempo para conversar e as dificuldades são muitas, portanto se esse acompanhamento fosse mais abrangente sairíamos daí com as coisas mais bem resolvidas! Eu, particularmente, tive a percepção que mexemos no problema, começamos a tratá-lo e depois fomos “abandonados” a própria sorte sem uma devida **conclusão**” [grifo do original] (avaliação enviada por email, adulta “autora”).

“Falta de comprometimento da parte da psicóloga responsável em momento delicado e necessário; falta de maturidade do andamento para o então fechamento do projeto; mais encontros; um acordo de responsabilidade das partes da família para o bom andamento e o objetivo do projeto” (avaliação enviada por email, adulta “autora”).

“O que eu acho é que é muito pouco, muito pouco tempo, poucas sessões assim para a gente, não é o suficiente, para quem tem um acúmulo de coisas, isso num grupo grande” (grupo focal).

“Meu irmão trabalha de noite, trabalha até umas dez horas, eu estudo à noite, a minha irmã mais nova mora na Ilha com minha irmã mais velha, entendeu, então ficou difícil de minha família ir toda. Que o projeto quer mesmo é que a família junta, toda unida vá para lá entendeu? Aí a gente não conseguiu fazer isso” (entrevista individual, adolescente).

“No nosso caso, eu acredito que o resultado satisfatório não foi alcançado pelo fato de, ao final, não haver nada por escrito do que foi acordado, e no nosso caso a agressora ao terminar os encontros não modificou em nada a sua conduta” (avaliação enviada por email, adulto “responsável”).

## ***8. Sugestões para o aprimoramento do projeto Estreitando Laços***

Você tem sugestões para que o projeto funcione melhor? Quais?
---

---

<sup>34</sup> Segundo a coordenação do Projeto, embora esta tenha sido uma sugestão apresentada pelo participante, o Estreitando Laços nunca ofertou este tipo de documento, dada a necessidade de sigilo profissional.

Na avaliação dos/as participantes para que o projeto Estreitando Laços funcione melhor, foram tecidas sugestões de cunho prático no estabelecimento dos encontros. Não limitar o número de sessões com as famílias beneficiadas pelo projeto foi uma delas. Para sanar a falha identificada de que não houve, em alguns casos, o fechamento adequado do caso da família, sugeriu-se o fortalecimento de acordos entre beneficiários, órgãos de encaminhamentos e o Projeto. A construção de uma ficha de acompanhamento da família no projeto acessível a pais e profissionais também foi sugerida. Ainda no que se refere às sugestões para o aprimoramento do Projeto, foram identificadas falhas da equipe gestora e sugeriu-se uma equipe comprometida com o trabalho. E, por fim, sugeriu-se a ênfase nas investidas do Estreitando Laços àqueles beneficiários que não foram sensibilizados para a participação.

“A sugestão seria realmente a não limitação das sessões, ou seja, caso o caso precise, recomeçar mais uma etapa” (adulta, por email).

“Uma ficha de seguimento do projeto, onde os pais também acompanham e se comprometem; um acordo de responsabilidade entre os interessados e o órgão que os enviou para seguimento e acompanhamento dos casos” (avaliação enviada por email, adulto “responsável”).

“No mínimo assim uma vez por semana por mais tempo, porque são dez vezes, eu acho que eu vim mais do que isso. Eu acho que eu vim mais porque acabou que elas me chamaram, por outras razões” (grupo focal).

“Que insista para que as famílias vão porque vai mudar muita coisa, no ambiente, na família, entendeu? Vai mudar? Só isso. [...] Chamar, insistir, ligar, convidar mais” (entrevista individual, adolescente).

### ***9. Outras ações no apoio às famílias em situação de violência que atinge as crianças ou adolescentes***

Questão: Que outro tipo de ações poderiam apoiar as família em que há ou houve situação de violência que atinge as crianças ou adolescentes?
--

As ações sugeridas na avaliação do/as participantes referem-se tanto ao aprimoramento do próprio Estreitando Laços como a outras ações. Alguns afirmaram não saber que outro tipo de ações poderia ser oferecido na atenção às famílias em

situação de violência além da que foi experienciada por eles. Além disso, refletiu-se sobre as dificuldades do caso a caso de famílias com pouco ou nenhum envolvimento com o projeto. Nesses momentos, a avaliação veio acompanhada de argumentos de culpabilização e descrença de que outras ações possam dar conta de um quadro de resistência já não superado no Estreitando Laços. Cabe salientar que as sugestões de que o projeto deva deslocar-se para mobilizar a participação destes que não chegam ao Instituto Noos foram oferecidas neste contexto específico. Outras sugestões como arte-terapia, esquizoanálise e demais trabalhos que amparem os efeitos das violências nas relações intrafamiliares foram apresentadas.

“Bom, a minha família é difícil, é muito difícil, porque acho que cada um cresceu e foi para um lado, todos diferentes, realmente, o que eu posso falar, não liga. Não tem nem o que dizer, não tem força. Eu não sei se é por causa do problema da minha sobrinha que eles não querem se meter nesta parte, eles não querem, não querem por causa disso” (grupo focal).

“Creio que projetos como esses com profissionais que além de competentes sejam comprometidos e responsáveis, pois se trata de pessoas, traumas, dificuldades são ótimas oportunidades! Acredito que a educação com amor seja um caminho para conhecimento, a tolerância, a paciência, os bons relacionamentos” (avaliação enviada por email, adulta “autora”).

“Arte terapia, psicoterapia, esquizoanálise, trabalhos que amparem o psicológico violentado destas famílias” (avaliação enviada por email, adulta “autora”).

“Eu acho que o que tem que ser realmente eu acho que já está sendo feito, não sei se tem uma maneira melhor de ser. Eu até já tinha falado aqui, que eu acho que as visitas não deveriam ser só reuniões assim, deveria ser visita em casa. Em vez desses grupos ser só para a gente vir, eles ir. Porque esses que não vem mesmo não vem, mas tem que ir até eles. [...] Não dá para ficar esperando eles virem que senão eles não vem. A única coisa que poderia ser feita é isso. Você fica contando que ele vem aqui, não vem. [...] O cara já está todo ferrado, e ainda vai ter que ir a algum lugar? Se expor? Não vai mesmo” (grupo focal).

“Daí vai até ele e quem sabe ele vai até gostar? Muitas vezes isso acontece, vê que não é um bicho de sete cabeças, que é gente igual a gente, que não é

uma coisa assim que vai fazer mal, pelo contrário, vai fazer bem” (grupo focal).

#### **IV. Visitas institucionais**

Segundo o projeto Estreitando Laços, uma das ações executadas antes do início das atividades foi “a divulgação/articulação com as instâncias encaminhadoras: 1ª Vara da Infância e Juventude da Comarca da Capital, Conselhos Tutelares do município do Rio de Janeiro e Coordenadorias das Promotorias da Infância e Juventude” (p. 10).

No total, seis instituições foram contatadas: quatro através de visitas presenciais e contatos por e-mail; duas através de contato telefônico e e-mail enviado com o projeto a ser executado.

A equipe de coordenação realizou quatro visitas às instituições parceiras do projeto Estreitando Laços, realizadas no período previsto pelo cronograma de avaliação (21/02 a 06/03/2011). As visitas tiveram como objetivo identificar as razões pelas quais as referidas instituições tiveram ou não êxito na função de encaminhamento das famílias para o projeto. As instituições visitadas foram:

- a) Conselho Tutelar da Zona Sul<sup>35</sup>;
- b) Conselho Tutelar de Vila Isabel<sup>36</sup>;
- c) Casa de Acolhida do Catete<sup>37</sup>;
- d) Vara da Infância, da Juventude e Idoso<sup>38</sup>.

O roteiro utilizado nas entrevistas abordou as seguintes questões<sup>39</sup>:

- Recepção do projeto por parte das instituições contatadas.

---

<sup>35</sup> O Conselho Tutelar da Zona Sul (CT-02) tem como área de abrangência: Botafogo, Catete, Glória, Cosme Velho, Flamengo, Laranjeiras, Humaitá, Urca, Praia Vermelha, Copacabana, Ieme, Jardim Botânico, Ipanema, Vidigal, São Conrado e Rocinha.

Neste Conselho, os profissionais entrevistados foram o conselheiro e a psicóloga.

<sup>36</sup> O Conselho Tutelar de Vila Isabel (CT-03) tem como área de abrangência: Tijuca, Praça da Bandeira, Alto da Boa Vista, Vila Isabel, Grajaú, Andaraí e Maracanã.

Neste Conselho, a profissional entrevistada foi a psicóloga Josana Diniz Amorim.

<sup>37</sup> As profissionais entrevistadas foram a psicóloga e diretora Joseli Resse e Karina Alves Miceli, assistente social e coordenadora. Nada oficial a respeito da instituição foi encontrada na internet (*sites*, etc).

<sup>38</sup> Na Vara da Infância, da Juventude e do Idoso (VIJI), a profissional entrevistada foi Patricia Glicério Rodrigues Pinho, psicóloga coordenadora do serviço de psicologia.

<sup>39</sup> Vide roteiro anexo. Todas as entrevistas com os profissionais foram gravadas e realizadas por Raquel Ciancio na própria instituição parceira.

- Facilidades e dificuldades no encaminhamento das famílias para o projeto.
- Sugestões para facilitar o fluxo deste encaminhamento.
- Ações sugeridas pela instituição para o atendimento de famílias em situação de violência contra crianças e adolescentes.

### ***1. Recepção da existência do projeto Estreitando Laços e pedido de integração***

Quando questionados: “como você recebeu a informação da existência do projeto e como sentiu o pedido para integrá-lo?”, duas das instituições visitadas recuperaram a reunião inicial com a coordenadora do Projeto Estreitando Laços na ocasião de sua apresentação. São eles: o CT – 02 e a VIJI, respectivamente nos trechos a seguir:

“Nós tomamos conhecimento numa reunião, depois nós entramos em contato com vocês e eles passaram a informação. E a partir daí, todos os problemas onde envolve a família a gente estava encaminhando para vocês e todo trabalho e toda intervenção de vocês foi bem gratificante” (CT-02)

“Nós recebemos o telefonema da psicóloga [coordenadora do projeto], que propôs dar uma reunião para que ela pudesse vir para explicar o projeto e a gente realizar os encaminhamentos e a gente sentiu que era uma parceria positiva até porque nós temos uma grande necessidade de realizar encaminhamentos e, em especial, nesse aspecto de famílias em situações de violência (VIJI).

Uma das instituições visitadas situou a informação acerca da existência do Projeto Estreitando Laços na articulação com o Conselho Tutelar de Vila Isabel, afirmando que o Instituto Noos realizava um trabalho com famílias em situação de violência (contra crianças e adolescentes, embora no trecho não esteja especificado). Segundo a profissional entrevistada:

“Nós recebemos a informação de que o Noos fazia um trabalho com famílias que tiveram alguma situação de violência e a gente tinha um caso que era acompanhado pelo Conselho Tutelar de Vila Isabel e foram eles que nos informaram da terapia do Noos, e assim, a gente fez um contato com

eles, fizemos um estudo de caso, onde colocamos detalhes do caso da adolescente e eles absorveram o caso pro projeto Estreitando Laços que visa um estreitamento dos laços mesmo, dos familiares que estão numa relação familiar desgastada” (Casa de Acolhida do Catete).

Em se tratando de redes, uma instituição parceira referiu-se a demais projetos desenvolvidos pelo Instituto Noos para localizar a existência do Estreitando Laços e sua integração no trabalho desenvolvido a partir do trânsito profissional da entrevistada. São destacadas as relações interinstitucionais do Núcleo de Atenção à Criança e ao Adolescente (NACA-RJ) e do Instituto Noos, especificamente referindo-se ao trabalho desenvolvido com grupos de homens autores de violência<sup>40</sup>. Na sequência de sua fala pôde, então, recompor a lembrança da reunião com a coordenadora do projeto em questão:

“Como eu trabalho no NACA também, o NACA conhece o Noos, tem uma parceria, então eu já conhecia o grupo de [homens em situação de violência]. Eu não me lembro bem como foi esse primeiro contato com o Estreitando Laços, não me lembro se foram vocês que entraram em contato para falar sobre o projeto, confesso que eu não me lembro mas sei que o primeiro contato foi nós fomos ao Noos, conversamos com a coordenadora que nos apresentou o projeto aí nesse dia a gente já levou alguns casos (...).” (CT-03).

Em relação à recepção do Estreitando Laços por parte das instituições, o conteúdo das entrevistas converge na identificação de dois elementos. O primeiro é a existência de uma lacuna na Área da Infância e da Adolescência: a ausência de um trabalho específico com famílias em situações de violência contra crianças e adolescentes. Segundo os trechos a seguir:

“[...] a gente ficou muito feliz porque é que a gente mais precisa, a gente precisa de projetos que trabalhem as famílias que não conseguem dar um ambiente para essas crianças que não seja permeado pela violência” (CT-03).

“É o que a gente mais recebe no Conselho Tutelar e não existe política pública para trabalhar este tipo de situação. Não existe. Fala-se para os pais não espanque, não bata, não xingue, mas não se diz para os pais como fazer” (CT-03).

---

<sup>40</sup> Para mais informações a respeito do projeto realizado pelo Instituto Noos, acessar: [www.noos.org.br](http://www.noos.org.br).

O segundo elemento imbrica-se no primeiro e é constatação da grande demanda existente pela falta deste trabalho específico. Segundo as entrevistas:

“é uma demanda muito grande que não tínhamos um trabalho específico, então a gente fazia o encaminhamento e tal, mas na verdade não era bem aquilo que a família necessitava” (CT-02).

“a gente fica muito preocupado porque na verdade é o único projeto hoje que atende a família, na verdade a criança é consequência, a causa está na família” (CT-02).

Algumas instituições identificam que determinados encaminhamentos “fracassam” porque não atendem às necessidades da família naquela dada situação. Paralelo a essa questão, reaparece a dificuldade do remanejamento do caso para o atendimento devido. Nesse sentido, o projeto Estreitando Laços, além de ser identificado como um dos únicos que propõem esse tipo de trabalho com famílias em situação de violência – com foco nas crianças e nos adolescentes – constitui-se um espaço novo na zona sul do município do Rio de Janeiro<sup>41</sup>.

“Já teve casos assim que eu encaminhei para o IPUB e as pessoas voltaram e falaram: - **olha eu não vou voltar mais lá não porque a gente foi no primeiro atendimento e, situações muito graves e as famílias se assustaram e retraíam**. E daí a gente não tinha para onde reencaminhar apesar de terem também questões de violência e conflitos familiares bem intenso, e a gente ficava meio de pés e mãos atados para onde que a gente pode encaminhar, **então acho que tem uma questão de abrir um espaço novo aqui na zona sul muito interessante**” (CT-02).

“[...] porque a gente faz o atendimento e tal manda para, encaminha para a A. ela faz a avaliação e às vezes não tem um local específico para mandar, ela acaba mandando para um local que de repente não é específico para aquele caso. O profissional vai atender, vai entender, mas não tem. **Com a ajuda de vocês já abriu esta possibilidade de estar encaminhando para um local onde vai fazer o atendimento específico para aquela situação**” (CT-02).

“Nós fomos atingidos com o objetivo que é refazer e reconstruir a relação e tal, fazer uma reflexão sobre seus filhos, eu acho que isso foi muito gratificante, pena que só tenha esse projeto trabalhando com família, tinha que ter mais porque nós temos uma demanda enorme e as pessoas estão só reproduzindo a forma que foi criada e através desse projeto a gente

---

<sup>41</sup> Ainda que atendam a alguns públicos e não a outros, pode ser entendido tanto como elemento de dificuldade quanto de facilidade no estreitamento ou alargamento da lacuna, nas resistências de cada família frente às dificuldades de lidar com as questões que envolvem as violências, como será abordado no próximo tópico.

conseguiu dar uma direção, levar uma reflexão para poder repensar os valores da família a favor de sua prole” (CT-02).

“A gente já conhecia o trabalho do Noos na questão da violência contra mulher. E fazia um trabalho com homens agressores e daí eu acho que facilitou sabe Raquel? Primeiro por existir uma demanda nossa de atendimento familiar, a casa trabalha voltada para o atendimento familiar, voltado para a reinserção dessas meninas, ninguém trabalha sozinha, as coisas tem que ser trabalhadas e retornadas, retornam para essa casa que não é mais a mesma casa de quando ela saiu, essa mãe não é mais a mesma, esse pai né, é importante na realidade o atendimento familiar pra gente” (Casa de Acolhida do Catete).

**A partir das entrevistas realizadas nas visitas institucionais e em relação à primeira pergunta, pode-se concluir que:**

- As instituições receberam de forma positiva a existência do projeto Estreitando Laços, dada a falta de demais iniciativas, projetos e políticas públicas que preencham a lacuna existente no atendimento a famílias em situações de violência;
- As famílias em situações de violência muitas vezes não recebem atendimento adequado às suas necessidades e, dada esta constatação, o projeto Estreitando Laços foi recebido com entusiasmo nas instituições;
- A crescente demanda de atendimento dessas famílias reitera a positividade da recepção do projeto por parte das Instituições;
- As instituições compartilharam do entendimento de que o projeto Estreitando Laços tem por característica a articulação com seus parceiros no cumprimento de medidas protetivas conforme o ECA (arts. 101 e 129).

## ***2. Dificuldades e facilidades percebidas no encaminhamento das famílias.***

Na identificação das dificuldades percebidas no encaminhamento das famílias, as instituições ouvidas levantaram os seguintes elementos: a crescente demanda de atendimento de famílias na situação em questão, o que pode gerar uma sobrecarga no

projeto; a distância geográfica em relação a regiões mais afastadas do local de atendimento do Estreitando Laços, na zona sul do Rio de Janeiro; a dificuldade por parte de algumas instituições de realizar um acompanhamento mais próximo das famílias encaminhadas e, desta forma, estreitar também os laços interinstitucionais; os casos denominados “peculiares” devido a laços afetivos “esgarçados”, desfeitos em relação às figuras parentais. A seguir, vamos abordá-los de acordo com o conteúdo das entrevistas.

Em relação à **demanda** salientada, se por um lado, a recepção do projeto foi sentida como a possibilidade de um atendimento articulado e específico às famílias, por outro algumas instituições identificaram que justamente por ser o único na área o Estreitando Laços sofreu os efeitos da grande demanda existente. Segundo o entrevistado, este efeito materializou-se na agenda do projeto, que passou a ter dificuldade de marcar os atendimentos das famílias encaminhadas pelo Conselho Tutelar da Zona Sul, por exemplo. Segue o trecho:

“Eu acho assim que a dificuldade foi por serem vocês os únicos, chegou uma hora que vocês passaram a ter que agendar também porque não dá para atender a demanda, eu acho que chegou uma hora que começou as famílias terem que aguardar um pouco, embora fosse urgente mas tinha que aguardar porque vocês não conseguiam atender toda a demanda que era bem acentuada, bastante. Muita demanda para este caso deste Estreitando Laços, desse projeto. Isso aí foi, mas por falta de não ter outro local que pudesse atender especificamente aquela situação” (CT 02).

As questões relacionadas à **adesão das famílias** encaminhadas relacionam-se às dificuldades sentidas pela **distância geográfica** entre a localização do Projeto Estreitando Laços e alguns Conselhos Tutelares em especial. Foi o caso do relato a seguir, quando a entrevistada afirma que o pagamento do vale-transporte não garante a participação das famílias encaminhadas. Segundo a profissional:

“É claro assim, a aderência das famílias é difícil porque a gente é do Conselho Tutelar de Vila Isabel, as famílias são daqui dessa área, é difícil para elas irem à zona norte [sul], mesmo que tenham o custeio [...] Mesmo que tenham o custeio da passagem daqui da zona norte para Botafogo já gera uma resistência. Já são por si só resistentes as famílias” (CT03).

No tocante a este Conselho Tutelar especificamente, entrevistada e entrevistadora refletem sobre as dificuldades no encaminhamento das famílias,

considerando-se que os contatos do projeto com este CT foram permanentes ao longo da realização do Estreitando Laços, embora não tenham garantido a presença contínua dos casos encaminhados. No trecho a seguir, pode-se ler a respeito da reflexão e das dificuldades levantadas pela profissional:

“Entrevistada: A gente não teve adesão de nenhuma família que a gente encaminhou, a gente não teve adesão, não foram muitas então a gente não tem aí um universo grande por conta, mas mesmo tendo a passagem paga...

Entrevistadora: é estranho porque vocês foram um dos conselhos que a gente teve mais contato, até durante o início do projeto.

Entrevistada: as famílias que a gente encaminhou eram muito peculiares, a gente encaminhou uma adolescente abrigada, em acolhimento institucional, aí os laços familiares já estão totalmente esgarçados” (CT-03).

Segundo avaliação da coordenação do projeto, o trabalho com as meninas em situação de abrigo apresentou muitas dificuldades. Embora a cooperação com a instituição tenha sido ótima, não houve êxito no acesso às famílias. Havia também muita insatisfação delas com a instituição de acolhimento, o que incidiu negativamente no estabelecimento de confiança na equipe do projeto.

Ainda no tocante à entrevista citada acima, a questão da resistência das famílias agrega-se à distância geográfica na afirmação das dificuldades encontradas nos encaminhamentos:

“A dificuldade eu já falei, eu acho que é a distância. As famílias resistem muito como se elas não quisessem fazer esforço algum para irem à Botafogo” (CT-03).

Outra dificuldade levantada nas entrevistas foi a questão dos horários do atendimento. Neste caso, pode-se refletir que as dificuldades se coadunam: os atendimentos às famílias em horários comerciais (ou não comerciais) aliam-se às dificuldades financeiras de se chegar à zona sul conciliando os horários de trabalho, de estudo, de saída dos filhos na escola, etc. Portanto, pode-se afirmar que as dificuldades no estreitamento e efetividade dos contatos com as famílias foram identificadas na totalidade das entrevistas realizadas, ainda que o projeto tenha oferecido o custeio do transporte.

“Como a gente trabalha com famílias de baixa renda o que **dificulta é a questão financeira realmente, a dificuldade de atendimento em horários que não são horários comerciais, em horários que são às vezes mais tarde né, sábado**, isso às vezes é uma coisa que as famílias, as mulheres são empregadas domésticas, fazem faxina e aí não conseguem” (Casa de Acolhida do Catete).

“**Uma outra coisa é que semestre passado quando a gente teve essa parceria lá com vocês, a gente tinha muita menina que era da zona oeste**, e isso foi uma coisa que dificultou então agora não, as meninas que são abrigadas aqui são da área, o que significa que elas estão mais perto. **Então essa coisa da distância**, tem a passagem que é muito mais cara, e a distância também, às vezes aqui você trabalha até cinco horas, na área aqui você consegue, agora sair de Campo Grande e trabalhar até as sete, daí você não vai conseguir chegar aqui nunca. Isso dificultou” (Casa de Acolhida do Catete).

**A partir das entrevistas realizadas nas visitas institucionais e em relação à segunda pergunta, pode-se concluir que as dificuldades relatadas pelas instituições no encaminhamento das famílias foram:**

- A crescente demanda de atendimento do público alvo do projeto resultou na dificuldade do Estreitando Laços de receber os encaminhamentos de determinadas instituições;
- A localização geográfica do Instituto Noos na zona sul do município facilitou a aderência de algumas famílias ao projeto Estreitando Laços, porém dificultou a de outras, reiterando as resistências apesar do auxílio vale-transporte às famílias;
- A dificuldade de “estreitamento” de alguns laços afetivos desfeitos no caso de adolescentes em situação de abrigo.

Ainda sobre a segunda questão do roteiro, mas no que tange à **identificação das facilidades** percebidas no encaminhamento das famílias, as instituições ouvidas levantaram os seguintes elementos: a boa relação institucional que refletiu na credibilidade e confiabilidade do Projeto e, ao longo do processo, garantiu o atendimento das demandas institucionais; a comunicação eficaz por parte de todas as instâncias do Instituto Noos o que, de certa forma, é o elemento possibilitador da afirmação anterior; a concessão do vale-transporte identificada positivamente na adesão das famílias ao atendimento e na superação de resistências. A respeito das relações

institucionais e da qualidade da comunicação estabelecida durante a realização do projeto, seguem-se os trechos:

“[...] o que facilitou foi o fácil contato com a instituição. É muito fácil ligar para o Noos e conseguir falar com alguém. A receptividade de vocês é muito boa, desde a menina que atende, acho que é a Daniele” (CT-03).

“O que facilitou foi que a gente construiu uma boa relação institucional assim então vocês quando tinham dúvida de algum caso vocês ligavam, entravam em contato, a gente também, sempre muito abertamente, fizemos aqui uma reunião já, já é a segunda vez que vocês vem aqui e eu acho que é isso (CT-03).

“Até a própria equipe técnica, é muito fácil o contato, e vocês também ligam, vocês mantêm o contato, não fica só a coisa burocrática, encaminha o ofício e depois nunca mais se fala, a gente pode fazer um contato por telefone, isso facilita muito. Muito, muito. Aí muitas vezes eu já conversei com a coordenadora, já me passou o horário aqui, eu já passei aqui o horário para a família, mas eu acho que a distância dificulta” (CT-03).

“Facilitou que existia sempre um telefone de uma pessoa sempre disponível a dar todas as informações, como a gente faz o encaminhamento, e a abertura, o projeto amplo sobre violência com a criança que estava aberto a diferentes casos que apareciam” (Vara da Infância Juventude e Idoso - VIJI).

E, finalmente, no que se refere ao vale-transporte:

“Outra coisa que facilitou foi o fato da família receber o vale-transporte e o que eu acho que dificultou algumas vezes é a localização, que inúmeras famílias residem em locais muito distantes do bairro de Botafogo” (VIJI).

“Passagem paga é uma boa. Garantir a passagem eu acho que, garantir a passagem não significa exatamente que a pessoa vai” (VIJI).

“Eu tinha um educador que trabalhava comigo, era educador depois foi supervisor, e aí ele dizia assim - a gente tem que começar a eliminar todos os “senões” que a família tem. Ah eu não posso por causa da passagem. Eu te dou a passagem. Até você fazer que a pessoa elabore que ela tem uma dificuldade muito maior do que a coisa financeira, e de se expor, de poder falar de si, mas que a gente possa eliminar todos essas coisas em relação a essas dificuldades” (VIJI).

**A partir das entrevistas realizadas nas visitas institucionais em relação à segunda pergunta, pode-se concluir que:**

- O que facilitou os encaminhamentos das famílias para o projeto foi a comunicação interinstitucional estabelecida ao longo da realização do Estreitando Laços.

### ***3. Sugestões de medidas que facilitariam o fluxo de encaminhamento das famílias para o projeto***

As sugestões trazidas pelas instituições para **facilitar o fluxo de encaminhamento** de famílias para o projeto são as seguintes: “estretar os laços” com a instituição que acolheu o encaminhamento para que o retorno do caso seja efetivo; maior investimento na divulgação; propor grupos de famílias antes do atendimento individual e também grupos de adolescentes. Os dois trechos a seguir se referem à necessidade do *feedback* institucional:

“[...]a gente tem que as especificidades das falhas do trabalho aqui no Conselho que é nunca ter esse *follow up* então eu acho que tanto na hora de encaminhar quanto se for num momento de – acabou aquelas sessões do projeto fazer um pouco esse contato com a instituição. Eu vejo aqui que eu estou falhando ainda” (CT-02).

“Entrevistada: mas eu acho que é uma coisa que precisa ser refinada o encaminhamento, a dinâmica, estreitar mais o...

Entrevistado: [...] os laços institucionais.

Entrevistada: eu acho que isso, quer dizer, e até a gente ter o *feedback* depois, de saber como é que foi esse tempo no projeto com a família” (CT-02).

No que se refere aos **grupos de atendimento às famílias**, no trecho abaixo se observa a reflexão trazida pelas entrevistadas sobre como viabilizar a sugestão, considerando-se a realidade das famílias já atendidas pela instituição visitada. A entrevistadora pontua que o Projeto cogitou a realização de um grupo com adolescentes. Para uma das entrevistadas, um grupo que reunisse duas ou três famílias seria um bom começo na proposta deste atendimento. Segue o trecho:

“Entrevistada 1: eu acho que os grupos...

Entrevistada 2: eu não sei, eu não sei. Talvez começar fazendo um trabalho aqui com as famílias.

Entrevistadora: foi uma das coisas que a gente pensou. Será que fazer um grupo de adolescentes lá...

Entrevistada 2: de repente começar um trabalho com as famílias aqui, antes do atendimento individual. Eu acredito muito nessa coisa assim, com a família, quando a gente coloca o problema, quando eu vivo esse problema e quando eu coloco, e aí ela está vivendo o mesmo problema, é diferente de um terapeuta, é diferente de uma assistente social, da psicóloga, porque eles vivem o problema e eles conseguem criar, ter soluções para os problemas deles, e um ajuda o outro. Um grupo aqui dentro com as famílias, eu acho que, e não precisa ser um grupo grande não, um grupo em dia de visita, que a gente pudesse fazer alguma coisa, tanto com as meninas quanto com... podia ser junto, a mãe e filha participar dessa, desse. Se tivermos duas ou três famílias aqui eu já acho que seria legal. Eu acho que isso pode ser uma coisa, é uma idéia que a gente pode elaborar melhor” (Casa de Acolhida do Catete).

“Raquel: A idéia é ótima, até porque o grupo de pais e responsáveis, teve até alguns responsáveis que fizeram a entrevista no projeto, tiveram alguns realizados, mas foram pouquíssimas pessoas, eu acho que a gente ir no lugar, na instituição, onde as pessoas já estão, e que tem aquele vínculo e sensibilizar realmente fica mais fácil. É uma ótima idéia mesmo” (equipe Estreitando Laços).

A repetição das histórias vividas pelas famílias é um dos modos de enunciar a importância dos grupos com adolescentes na troca de experiências e produção de aprendizados compartilhados.

“Eu acho que grupos de reflexão sobre o tema, grupos de adolescente que estejam passando por essa situação, acho que essa troca é muito interessante entre eles, [...] porque a gente percebe a repetição das histórias né? (CT-03).

Ainda nesta entrevista, a terapia de família foi identificada como fundamental embora seja pontuado que o trabalho oferecido na rede ainda é escasso.

“O que eu acho mais importante é a terapia de família, a gente não tem na rede, é muito, muito escasso sobre isso” (CT-03).

A questão da **divulgação** não ganha corpo na maioria das entrevistas realizadas, surgindo insipiente e pouco explorada em afirmações como a seguir:

“Eu acho que uma divulgação maior” (Casa de Acolhida do Catete).

Uma das reflexões lançadas nas entrevistas foi que o desafio não reside no encaminhamento das famílias, mas na permanência destas no atendimento. Segundo a profissional:

“Eu acho que o encaminhamento das famílias é tão tranquilo. Porque o que está difícil, talvez a gente pudesse pensar é como fazer com que as famílias permaneçam em atendimento. É essa a dificuldade, porque o encaminhamento é muito tranquilo, é muito fácil. Como a gente pode fazer juntos para que as famílias permaneçam no atendimento?” (CT-03).

**A partir das entrevistas realizadas nas visitas institucionais em relação à terceira pergunta, pode-se afirmar que:**

- Há ciência de falhas existentes no fluxo de encaminhamentos, principalmente no que se refere ao acompanhamento destes. A **sugestão levantada** é que ambas as instituições firmem o compromisso de zelar pelo acompanhamento dos casos, do início ao fechamento de seus atendimentos.
- A realização de grupos de atendimento descentralizados com famílias e adolescentes que antecedam os atendimentos individuais é uma sugestão importante, igualmente reiterada nos relatos do grupo focal.
- Investir na divulgação do trabalho realizado pode contribuir com o afrouxamento das resistências e dificuldades identificadas pelos/as entrevistados/as.

#### ***4. Sugestões para o atendimento às famílias em situações de violência familiar contra crianças e adolescentes***

No tocante a outras ações sugeridas para atender às famílias em situações de violência familiar contra crianças e adolescentes, as entrevistas salientam: a necessidade de um trabalho contínuo que promova, com as famílias, espaços de diálogo e reflexão sobre as violências vividas; a ampliação das fronteiras de ação do Projeto Estreitando Laços com ações que alcancem as comunidades;

“Então assim, eu acho que é um trabalho que tem que ser contínuo, ele tem que propiciar o espaço de diálogo, então ele tem que ter uma certa continuidade. Eu entendo que por questões de fazer circular, de atender o

maior número de pessoas, com um número X de sessões, você faz um trabalho específico mas, assim, eu não sei se algum tipo de... de repente uma via de ação que vocês pudessem aproveitar para promover uma vez por mês um diálogo na comunidade, convidando não sei se a instituição de vocês comporta, fisicamente, receber muitas pessoas, mas assim tipo um debate mensal ou promover um diálogo, uma palestra, alguma coisa que motive as pessoas a pensar sobre esta questão da violência” (CT-02).

“Conseguir manter um espaço de diálogo nessas famílias que estão passando por esse tipo de situação, eu acho que é extremamente necessário, porque eu observo aqui quando eu pego essas famílias que estão marcadas por esse tipo de violência, que não é uma questão que surgiu naquela geração, dentro da família, já tem gerações anteriores, já é uma reprodução de duas, três, gerações dentro da família, então são questões que são muito difíceis de você, porque as pessoas estão imersas nestes significantes entendendo aquilo como a única forma de você interagir e se colocar diante do outro” (CT-02).

“Os pais repetem modelos com os filhos [...]”. (CT-03)

Outra sugestão levantada foi a necessidade de promover uma **maior articulação** com o Juizado da Infância da Juventude que contribua de alguma forma com a garantia de que as famílias encaminhadas irão participar dos atendimentos. Segundo a entrevistada, a articulação contribuiria com a adesão e permanência da família que foi encaminhada para o projeto, mas não compareceu aos atendimentos:

“Entrevistada: Eu acho que a gente tinha que ter uma articulação junto ao juizado, que isso possa ser definido às vezes em ata, que eles vão participar, desses atendimentos, que possa ser garantido isso, já que se eu não me engano é o que faz trabalho com família, voltado para a família, que pudesse sair de lá fechado entendeu? A gente tem uma família que é de Botafogo, violência doméstica, e a gente indicou, a gente falou, mas a família não foi. Raquel: você diz se houvesse uma palavra vinda do Juizado seria mais fácil a família ir?

Entrevistada: Até porque assim, a família não está aqui, então eu não posso obrigar a família a ir, mas eles podem encaminhar o caso para a Promotoria” (Vara da Infância, da Juventude e do Idoso).

A questão da **distância geográfica** abordada nas questões anteriores reaparece especificamente na entrevista a seguir, sob a forma de sugestão para contornar a grande demanda de atendimento verificada na zona norte do Rio de Janeiro. Segundo a entrevistada, é preciso lidar com a regionalização dos atendimentos para o aumento do fluxo de encaminhamentos de uma região para a outra, ou mesmo com o oferecimento

de atendimentos na própria zona norte do Rio de Janeiro. Entende-se que esta sugestão reflete a necessidade de uma reflexão maior que não está calcada apenas na avaliação dos alcances e das possibilidades do Projeto Estreitando Laços em si, mas na dinâmica social do *cuidado* da violência como um todo.

“Eu acho que ser Zona Norte, porque a concentração é mais zona sul e centro, e nós temos uma demanda muito grande de pessoas da zona norte. Então quando conseguirmos consultórios na zona norte terá um encaminhamento num número bem maior (CT-03).

Ainda na presente entrevista, foram pontuadas algumas questões específicas que também demandam atendimento e orientação às famílias. Segundo o trecho a seguir:

“Entrevistada 1: São aquelas questões que eu perguntei se havia profissionais para atender crianças com dificuldades comportamentais, em especial com hiperatividade, com dificuldade de aprendizagem, e encaminhamento para também pessoas com transtornos [?]<sup>42</sup>].

Raquel: isso acaba também agravando a situação da família mesmo.

Entrevistada 1: É.

Entrevistada 2: são duas situações que a família também tem que ser orientada” (VIII).

“Nós fomos atingidos com o objetivo que é refazer e reconstruir a relação e tal, fazer uma reflexão sobre seus filhos, eu acho que isso foi muito gratificante, pena que só tenha esse projeto trabalhando com família, tinha que ter mais porque nós temos uma demanda enorme e as pessoas estão só reproduzindo a forma que foi criada e através desse projeto a gente conseguiu dar uma direção, levar uma reflexão para poder repensar os valores da família a favor de sua prole” (CT-02)

“Não porque olha só, eu acho que o diferencial desse projeto é justamente esse, quando você, na verdade a criança em muitos casos a criança ou o adolescente é a consequência, a causa está na base familiar e com essa intervenção eu acho que você consegue, quer dizer, dar esta contribuição, como já falei anteriormente, levar a família a uma reflexão de seus valores para favorecer a prole. Acho que isso é muito importante” (CT-02).

Sobre a importância da **continuidade dos trabalhos**, salientou-se um aspecto positivo do Estreitando Laços durante as entrevistas e que está relacionado a outros projetos do Instituto Noos, a saber, a possibilidade de atendimento das famílias após o término das dez sessões no interior da própria instituição em outros projetos, caso

---

<sup>42</sup> Refere-se a trecho de difícil transcrição.

houvesse a necessidade. Nesse sentido, promover a transferência para garantir os laços sociais estabelecidos entre famílias e profissionais/instituição é um aspecto positivo no acolhimento de demandas que não se findam com o término do projeto.

“Uma coisa que eu achei interessante quando conversei com a coordenadora foi que ela falou que o Estreitando Laços tem um número x de reuniões, de atendimentos e mas que vocês avaliando que aquelas sessões não foram suficientes existia a possibilidade de depois, enfim, ser encaminhado para, continuarem em atendimento na própria instituição mas fora do projeto.

Raquel: por outra equipe.

Por outra equipe. Então isso eu também achei interessante porque às vezes a gente também tem essa questão. Projetos com números de sessões fechadas e daí termina aquilo lá e a própria instituição não pode acolher se tem necessidade, daí tem uma quebra naquele processo então assim, isso foi uma coisa que eu achei positivo, porque em alguns momentos dependendo dos casos quando eu fazia a sugestão de encaminhamento do conselheiro para lá, em alguns momentos para algumas famílias eu falei isso que aí, dependendo quando era muito grave, poucas sessões não vai dar conta né? Então eu acho que as pessoas se sentem um pouco mais cuidadas e evita esse trânsito de instituição” (CT-02).

“Eu acho que você estar circunscrevendo numa instituição já cria a transferência com os profissionais e com a instituição e você já facilita se precisar de uma continuidade” (CT-02).

O reconhecimento de que o Projeto Estreitando Laços contribuiu para a identificação de demandas antes não encaminhadas devidamente, atingindo o objetivo proposto foi pontuado por uma das instituições participantes visitadas, conforme o trecho a seguir:

“A gente estava com uma demanda aqui sem saber, talvez a A. pode dizer da dificuldade que nós tínhamos em alguns encaminhamentos, às vezes até fora da nossa área, acabava ficando longe, a família às vezes em alguns casos não tinha nem condições de vir para tão longe e aí vocês estão aqui bem central, próximo, receptível ao atendimento, lidando com a igualdade de todo e qualquer cidadão que chega lá, dando importância para a demanda e solucionando e contribuindo com o Conselho, com a criança e com a família” (CT-02).

As questões relativas à educação dos filhos e os desafios de se promover uma cultura calcada em bases não violentas foram recorrentes nas instituições visitadas. Nesse sentido, estas refletem sobre como fortalecer a rede para “garantir o direito das

crianças à integridade física e psicológica e a seu pleno desenvolvimento como ser humano e como cidadão”, conforme o *site* da Rede Não Bata, Eduque<sup>43</sup>.

“É, e esse circular nesse tema, porque assim, estar se questionando essa questão, porque às vezes está tão arraigada, tão vista como normal que as pessoas ainda hoje apesar da divulgação do Estatuto, que a palmada não é pedagógica, não é tão pedagógica assim, então assim, a gente já tem essa questão dos pais ainda terem seus filhos como propriedade e como é minha propriedade eu posso fazer qualquer coisa, a questão da violência não ser só uma questão de violência física, tem a questão da violência: ah, mas eu não bato no meu filho, mas não é só a agressão física, então eu não sei assim, talvez” (CT-02).

“Então na verdade isso, essa intervenção de vocês é muito importante para essa reflexão, saber que se eu apanhei tenho que bater, e isso está muito presente ainda na família, na reprodução da forma como foi criado, com palavras, com xingamentos, com tapinha ou até a lei do tapa. Então na verdade essa reflexão quando leva a família a uma reflexão é bem saudável, principalmente para a criança que é a vítima de tudo” (CT-02).

“É o que a gente mais recebe no Conselho Tutelar e não existe política pública para trabalhar este tipo de situação. Não existe. Fala-se pros pais não espanque, não bata, não xingue, mas não se diz pros pais como fazer. E se, é... se culpa, se julga, encaminha para o Ministério Público e nada é feito, o Estado não faz nada para que essas famílias possam trabalhar e encontrar outros caminhos” (CT-03).

**A partir das entrevistas realizadas nas visitas institucionais em relação à quarta e pergunta, pode-se afirmar que:**

- A violência reflete uma dinâmica geracional que repete padrões seculares tradicionais na resolução de conflitos entre pais e filhos.
- A violência é uma questão complexa e sistêmica e, como tal, demanda um trabalho contínuo de reflexão destes padrões sócio-históricos que promova o diálogo entre as famílias e as oriente sobre outras formas de resolução dos conflitos que as afligem.

---

<sup>43</sup> Em coerência com a visão sistêmica adotada pela instituição e com o compromisso de participação, atualmente o Noos integra o grupo gestor da *Rede Não Bata, Eduque* e é responsável, junto com a Fundação Xuxa Meneghel, por sua secretaria executiva.

Fonte: <http://www.noos.org.br/portal/rede>, acesso em 25/04/2011. Para mais informações sobre a Rede Não Bata, Eduque, acesse: <http://www.naobataeduque.org.br/site/home/index.php>.

- É necessário elaborar estratégias de ações que contribuam para o fim da prática dos castigos físicos e humilhantes no meio familiar e comunitário.

## **V. Coordenação: Avaliação do Projeto Estreitando Laços**

Com o objetivo de contribuir com a avaliação do Estreitando Laços, propôs-se à equipe gestora que participasse respondendo questões sobre a percepção das mudanças no atendimento a famílias em situação de violência intrafamiliar, as dificuldades e os desafios sentidos e as sugestões para o aprimoramento do projeto<sup>44</sup>. A proposta foi feita por correio eletrônico e deixada a critério da coordenação se gostariam de participar pessoalmente ou por email, sendo esta última a opção escolhida.

A dificuldade na adesão das famílias para os grupos e a chegada destas famílias em diferentes momentos ao longo dos atendimentos foram dificuldades sentidas na realização dos grupos. Além disso, o fato das terapeutas serem as próprias facilitadoras dos grupos gerou inibição nas famílias. Para lidar com as dificuldades e os desafios, adequou-se a configuração dos atendimentos às demandas das famílias. Novamente, a questão do custeio das passagens foi salientada como aspecto positivo do projeto e que, em alguns casos, viabilizou e garantiu a permanência de famílias nos atendimentos.

Na perspectiva da coordenação, as sugestões trazidas para que o projeto seja aprimorado foram: continuar garantindo o custeio do transporte às famílias; investir mais tempo na divulgação e articulação institucional. Além disso, as visitas domiciliares – imprescindíveis para sanar a dificuldade na adesão; uma dupla adicional para coordenação dos grupos reflexivos; inclusão de profissionais na equipe do Projeto que se dediquem ao registro das sessões e às questões de ordem burocrática (estagiários); o grupo de adolescentes e de crianças; a especial atenção à articulação e trabalho em rede; oficinas nas escolas e demais instituições, trabalho também de prevenção num nível anterior àquele em que foi atuado.

---

<sup>44</sup> Vide roteiro em anexo.

## **Síntese Geral**

***Quadro 1: Resumo das Famílias*** (link para download em separado)

***Quadro 2: Resumo das visitas às instituições.*** (link para download em separado)

***Quadro 3: Resumo da avaliação da coordenação do projeto.*** (link para download em separado)

## **Anexos**

### **Anexo 1. Questionário inicial.**

#### **INTRODUÇÃO**

*O objetivo deste questionário é saber um pouco mais sobre sua família e sua situação atual. Estas informações vão nos ajudar a planejar e avaliar nosso trabalho e entender melhor vocês e as suas necessidades.*

*As informações que vocês vão nos fornecer neste questionário não serão divulgadas com seu nome. São completamente confidenciais e não possuem nenhuma relação com o poder judiciário e/ou inquérito policial.*

*Algumas das perguntas podem fazer vocês lembrarem de momentos difíceis na vida da família. Gostaríamos que você respondessem a todas as perguntas, mas queremos enfatizar que é completamente voluntário. Se vocês não quiserem responder a uma pergunta ou não quiserem continuar a entrevista, é só avisar.*

*Declaramos que lemos/ouvimos as informações acima e concordamos em responder voluntariamente ao questionário.*

Local e data: \_\_\_\_\_

Assinatura entrevistado 1 \_\_\_\_\_

Assinatura entrevistado 2 \_\_\_\_\_

Entrevistados por \_\_\_\_\_

**1. N° do cadastro da família |—|—|—|**

a. **(Para preenchimento do entrevistador)**

**2. N° do questionário |—|—|—|**

a. **(Para preenchimento da equipe de pesquisa)**

3. Data de preenchimento: |—|—| dia |—|—| mês |—|—|—|—| ano

4. Nome completo: \_\_\_\_\_

5. Endereço completo: \_\_\_\_\_

6. Bairro: \_\_\_\_\_

7. CEP |—|—|—|—|—|—|—|—|—|—|

8. Município \_\_\_\_\_

9. Unidade da Federação \_\_\_\_\_

10. Telefone com DDD: |—|—| |—|—|—|—|—|—|—|—|

11. Celular com DDD: |—|—| |—|—|—|—|—|—|—|—|

12. E-mail: \_\_\_\_\_

13. Outros telefones ou celulares de contato

13.1 Número com DDD: |—|—| |—|—|—|—|—|—|—|—| Nome: \_\_\_\_\_

13.2 Número com DDD: |—|—| |—|—|—|—|—|—|—|—| Nome: \_\_\_\_\_

13.3 Número com DDD: |—|—| |—|—|—|—|—|—|—|—| Nome: \_\_\_\_\_

13.4 Número com DDD: |—|—| |—|—|—|—|—|—|—|—| Nome: \_\_\_\_\_



14. Descreva para efeito das perguntas que se seguem quem são os respondentes, tendo como referência a Composição da Família utilizada no quadro anterior.

14.1 Pessoa 1 (nome e número de ordem na tabela): \_\_\_\_\_ |—|—|

14.2 Pessoa 2(nome e número de ordem na tabela): \_\_\_\_\_ |—|—|

**Parte 1: Informações sobre a chegada no Noos**

**15. Você já conhecia o Noos?**

15.1 Pessoa 1	15.2 Pessoa 2
1 Sim	1 Sim
2 Não	2 Não

16. Por qual instituição a família foi encaminhada?

*(Marque apenas o encaminhamento que foi considerado decisivo por cada pessoa para a vinda ao Noos)*

- 1 Escola
- 2 Juizado
- 3 Vara de família
- 4 CRAS
- 5 Unidade de saúde
- 6 Conselho tutelar
- 7 CREAS
- 8 Outra. Especifique: \_\_\_\_\_

**17. Identifique qual a instituição assinalada acima:**

\_\_\_\_\_

**18. Vocês já participaram de algum tipo de atendimento terapêutico?**

*(Registre apenas uma alternativa para cada pessoa. Se existir mais de uma situação, registre a que cada pessoa considerou mais relevante)*

18.1 Pessoa 1	18.2 Pessoa 2
1 <b>Sim:</b> atendimento individual	1 <b>Sim:</b> atendimento individual
2 <b>Sim:</b> atendimento em grupo	2 <b>Sim:</b> atendimento em grupo
3 <b>Sim:</b> atendimento de família	3 <b>Sim:</b> atendimento de família
4 <b>Sim:</b> atendimento de casal	4 <b>Sim:</b> atendimento de casal
5 <b>Não (Passe a 20.1)</b>	5 <b>Não (Passe a 20.2)</b>

**19. Em que instituição participou desse atendimento?**

19.1 Pessoa 1: \_\_\_\_\_

19.2 Pessoa 2: \_\_\_\_\_

**20. Qual A PALAVRA QUE MELHOR EXPRESSA o seu sentimento ao chegar aqui no Noos para este trabalho?**

*(Registre apenas uma alternativa para cada pessoa)*

20.1 Pessoa 1	20.2 Pessoa 2
1 Confiança	1 Confiança
2 Receio	2 Receio
3 Curiosidade	3 Curiosidade
4 Esperança	4 Esperança
5 Inibição	5 Inibição
6 Vergonha	6 Vergonha
7 Dúvida	7 Dúvida
8 Raiva	8 Raiva
9 Outra. Especifique:	9 Outra. Especifique:

**Parte 2: Dados socioeconômicos**

**21. Caso more com esposo(a)/companheiro(a), qual o tempo de relacionamento do casal?**

21.1 Pessoa 1 |—|—| anos completos

21.2 Pessoa 2 |—|—| anos completo

**22. Você é brasileiro(a)?**

22.1 Pessoa 1	22.2 Pessoa 2
1 Sim UF da federação em que nasceu.	1 Sim UF da federação em que nasceu.
2 Não	2 Não

**23. Qual a sua cor?**

23.1 Pessoa 1	23.2 Pessoa 2
1 Branca	1 Branca
2 Preta	2 Preta
3 Parda	3 Parda
4 Amarela	4 Amarela
5 Indígena	5 Indígena

**24. Você tem alguma religião?**

24.1 Pessoa 1	24.2 Pessoa 2
1 Sim	1 Sim
2 Não ( <i>Passe a 27.1</i> )	2 Não ( <i>Passe a 27.2</i> )

**25. Qual a sua religião?**

25.1 Pessoa 1	25.2 Pessoa 2
1 Católica	1 Católica
2 Protestante/Evangélica	2 Protestante/Evangélica
3 Espírita/Kardecista	3 Espírita/Kardecista
4 Candomblé/Umbanda	4 Candomblé/Umbanda
5 Outra. Especifique	5 Outra. Especifique

**26. Considera-se praticante dessa religião?**

26.1 Pessoa 1	26.2 Pessoa 2
1 Sim	1 Sim
2 Não	2 Não

**27. Qual a sua relação com o pai/mãe da(s) criança(s) identificada(s)?**

27.1 Pessoa 1	27.2 Pessoa 2
1 Casado(a)	1 Casado(a)
2 União consensual (vive junto)	2 União consensual (vive junto)
3 Separado/Desquitado/Divorciado(a)	3 Separado/Desquitado/Divorciado(a)
4 Viúvo(a)	4 Viúvo(a)
5 Não há relação conjugal	5 Não há relação conjugal

**28. Caso os pais da criança estejam separados ou divorciados, há quanto tempo a situação é essa?**

**28.1 Pessoa 1**

1. |—|—| Anos completos
2. |—|—| meses (se menos de 1 ano)
3. Menos de 1 mês

**28.2 Pessoa 2**

1. |—|—| Anos completos
2. |—|—| meses (se menos de 1 ano)
3. Menos de 1 mês

**29. Você tem filhos?**

30.1 Pessoa 1	30.2 Pessoa 2
1 Sim	1 Sim
2 Não ( <i>Passe a 32.1</i> )	2 Não ( <i>Passe a 32.2</i> )

**30. Quantos?**

31.1 Pessoa 1: |—|—| filhos

31.2 Pessoa 2: |—|—| filhos

**31. Se você trabalha, qual é a sua ocupação?**

*(Se tiver mais de uma ocupação escolha a principal)*

31.1 Pessoa 1: \_\_\_\_\_

31.2 Pessoa 2: \_\_\_\_\_

**32. Qual é sua posição nesta ocupação?***(Registre apenas uma alternativa para cada pessoa)*

33.1 Pessoa 1	33.2 Pessoa 2
1 Empregado com carteira assinada	1 Empregado com carteira assinada
2 Empregado sem carteira assinada	2 Empregado sem carteira assinada
3 Funcionário público	3 Funcionário público
4 Conta própria	4 Conta própria
5 Pequeno Empregador (até cinco empregados)	5 Pequeno Empregador (até cinco empregados)
6 Outro tipo de empregador (mais de cinco empregados)	6 Outro tipo de empregador (mais de cinco empregados)
7 Trabalhador sem remuneração (ajuda a membro da família, voluntário(a) etc.)	7 Trabalhador sem remuneração (ajuda a membro da família, voluntário(a) etc.)

**33. Em qual ramo de atividade exerce esta ocupação?***(Registre apenas uma alternativa para cada pessoa)*

34.1 Pessoa 1	34.2 Pessoa 2
1 Agropecuária	1 Agropecuária
2 Indústria	2 Indústria
3 Comércio	3 Comércio
4 Serviços	4 Serviços
5 Terceiro Setor (ONGs/OSCIPs)	5 Terceiro Setor (ONGs/OSCIPs)

**34. Qual o valor bruto dos seus rendimentos no mês passado? (todas as fontes)***(Se não tiver tido rendimento no mês passado, registre zero)*

34.1 Pessoa 1 R\$ |—|—|—|—|—|,00

34.2 Pessoa 2 R\$ |—|—|—|—|—|,00

**35. Qual o valor bruto dos rendimentos da sua família no mês passado?***(Todas as fontes inclusive os seus rendimentos declarados acima)**(Se sua família não tiver tido rendimento no mês passado, registre zero. Se não souber a renda da família, preencher com nove todas as caselas disponíveis)*

35.1 Pessoa 1 R\$ |—|—|—|—|—|,00

35.2 Pessoa 2 R\$ |—|—|—|—|—|,00

**36. Incluindo você, quantas pessoas vivem no mesmo domicílio?**

36.1 Pessoa 1: |—|—| pessoas

36.2 Pessoa 2: |—|—| pessoas

**37. Você participa de alguma rede de relacionamento na Internet?**

38.1 Pessoa 1	38.2 Pessoa 2
1 Sim Qual? _____	1 Sim Qual? _____
2 Não	2 Não

### Parte 3. Rede Social

**38. Você participa de algum grupo de amigos que se encontra regularmente?**

39.1 Pessoa 1	39.2 Pessoa 2
1 Sim; Para quê?	1 Sim; Para quê?
2 Não	2 Não

**39. Por favor, indique a frequência de sua participação (Pessoa 1) com sua família nas atividades de lazer listadas a seguir:**

Cód.	Tipos de atividades da pessoa 1	Sempre	Às vezes	Raramente/ Nunca
39.1	Cinema	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>
39.2	Teatro	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>
39.3	Visita a amigos e parentes	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>
39.4	Bares/restaurantes/lanchonetes	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>
39.5	Jogos de futebol, outros esportes	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>
39.6	Clubes	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>
39.7	Praças e parques públicos	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>
39.8	Bailes, festas, forrós	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>

**40. Por favor, indique a frequência de sua participação (Pessoa 2) com sua família nas atividades de lazer listadas a seguir:**

Cód.	Tipos de atividades da pessoa 2	Sempre	Às vezes	Raramente/ Nunca
40.1	Cinema	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>
40.2	Teatro	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>
40.3	Visita a amigos e parentes	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>
40.4	Bares/restaurantes/lanchonetes	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>
40.5	Jogos de futebol, outros esportes	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>
40.6	Clubes	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>
40.7	Praças e parques públicos	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>
40.8	Bailes, festas, forrós	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>

**41. Os responsáveis pela criança identificada como vítima de maus tratos contam com algum tipo de ajuda para o seu cuidado diário?**

*(Assinale apenas uma alternativa para cada pessoa)*

42.1 Pessoa 1	42.2 Pessoa 2
1 <b>Sim:</b> alguém que vem em casa	1 <b>Sim:</b> alguém que vem em casa
2 <b>Sim:</b> alguém com quem eu posso deixá-los fora de casa	2 <b>Sim:</b> alguém com quem eu posso deixá-los fora de casa
3 <b>Sim:</b> ambas as alternativas anteriores	3 <b>Sim:</b> ambas as alternativas anteriores
4 <b>Não</b> contam com qualquer ajuda	4 <b>Não</b> contam com qualquer ajuda

**42. A criança identificada frequenta regularmente algum serviço de saúde?**

43.1 Pessoa 1	43.2 Pessoa 2
1 Sim Qual? _____	1 Sim Qual? _____
2 Não	2 Não

**43. A criança identificada faz alguma atividade além da escola?**

44.1 Pessoa 1	44.2 Pessoa 2
1 Sim Qual? _____	1 Sim Qual? _____
2 Não	2 Não

<b>Parte 4. Situação de violência</b>
---------------------------------------

**44. Houve denúncia de violência intrafamiliar?**

45.1 Pessoa 1	45.2 Pessoa 2
1 Sim	1 Sim
2 Sim, mas foi retirada posteriormente	2 Sim, mas foi retirada posteriormente
3 Não ( <i>Passe a 48</i> )	3 Não ( <i>Passe a 49</i> )

**45. Quem denunciou quem?**

*(Responder mencionando não o nome, mas a relação de parentesco com a criança)*

46.1 Pessoa 1	46.2 Pessoa 2
1 Denunciante _____	1 Denunciante _____
2 Denunciado(a) _____	2 Denunciado(a) _____

**46. Qual foi o tipo de violência notificada?**

47.1 Pessoa 1	47.2 Pessoa 2
1 Psicológica	1 Psicológica
2 Física	2 Física
3 Sexual	3 Sexual
4 Negligência	4 Negligência

**47. Quais dos sintomas listados a seguir você (Pessoa 1) identifica na criança/adolescente pelo qual foi encaminhado para o Noos? (*Assinale quantos sintomas julgar pertinentes*)**

- 47.1 Agressividade
- 47.2 Dificuldade escolar
- 47.3 Apatia
- 47.4 Comportamento inadequado para idade
- 47.5 Gritos
- 47.6 Uso de insultos e palavrões
- 47.7 Problemas de pele
- 47.8 Problemas de digestão
- 47.9 Distúrbio de sono
- 47.10 Medo
- 47.11 Choro constante
- 47.12 Problemas de digestão
- 47.13 Distúrbio de sono
- 47.14 Medo
- 47.15 Tristeza
- 47.16 Autoagressão
- 47.17 Outro; qual? \_\_\_\_\_
- 47.18 Nenhum

**48. Quais dos sintomas listados a seguir você (Pessoa 2) identifica na criança/adolescente pelo qual foi encaminhado para o Noos? (Assinale quantos sintomas julgar pertinentes)**

- 48.1 Agressividade
- 48.2 Dificuldade escolar
- 48.3 Apatia
- 48.4 Comportamento inadequado para idade
- 48.5 Gritos
- 48.6 Uso de insultos e palavrões
- 48.7 Problemas de pele
- 48.8 Problemas de digestão
- 48.9 Distúrbio de sono
- 48.10 Medo
- 48.11 Choro constante
- 48.12 Problemas de digestão
- 48.13 Distúrbio de sono
- 48.14 Medo
- 48.15 Tristeza
- 48.16 Autoagressão
- 48.17 Outro; qual? \_\_\_\_\_
- 48.18 Nenhum

**49. Levando em conta sua própria avaliação dos acontecimentos, a criança/adolescente pela qual a família foi encaminhada para o Noos sofre algum tipo de violência?**

50.1 Pessoa 1	50.2 Pessoa 2
1 Sim	1 Sim
2 Não ( <i>Passe a 54.1</i> )	2 Não ( <i>Passe a 54.2</i> )

**50. Levando em conta sua própria avaliação dos acontecimentos, que tipo de violência é praticada contra a criança/adolescente pela qual a família foi encaminhada para o Noos? (Se mais de uma indique a mais freqüente)**

51.1 Pessoa 1	51.2 Pessoa 2
1 Psicológica	1 Psicológica
2 Física	2 Física
3 Sexual	3 Sexual
4 Negligência	4 Negligência

**51. Levando em conta sua própria avaliação dos acontecimentos (Pessoa 1), quem pratica esse tipo de violência contra a criança/adolescente pela qual a família foi encaminhada para o Noos?**

Cod.	Pessoas que praticaram violência física contra a criança pela qual a família foi encaminhada para o Noos – Pessoa 1	Sim	Não
51.1	Você mesmo	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
51.2	Seu (sua) companheiro(a)	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
51.3	Outra pessoa da família. Quem _____	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
51.4	Outra pessoa fora da família.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>

52. Levando em conta sua própria avaliação dos acontecimentos (Pessoa 2), quem pratica esse tipo de violência contra a criança/adolescente pela qual a família foi encaminhada para o Noos?

Cod.	Pessoas que praticaram violência física contra a criança pela qual a família foi encaminhada para o Noos – Pessoa 2	Sim	Não
52.1	Você mesmo	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
52.2	Seu(sua) companheiro(a)	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
52.3	Outra pessoa da família. Quem _____	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
52.4	Outra pessoa fora da família.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>

53. Levando em conta sua própria avaliação dos acontecimentos, outra criança/adolescente da sua família, sofre algum tipo de violência?

54.1 Pessoa 1	54.2 Pessoa 2
1 Sim	1 Sim
2 Não ( <i>Passe a 58.1</i> )	2 Não ( <i>Passe a 58.2</i> )

54. Levando em conta sua própria avaliação dos acontecimentos, que tipo de violência é praticada contra esta outra criança/adolescente?

(Se mais de uma indique a mais freqüente)

55.1 Pessoa 1	55.2 Pessoa 2
1 Psicológica	1 Psicológica
2 Física	2 Física
3 Sexual	3 Sexual
4 Negligência	4 Negligência

55. Levando em conta sua própria avaliação dos acontecimentos (Pessoa 1), quem pratica esse tipo de violência contra esta outra criança/adolescente de sua família?

Cod.	Pessoas que praticaram violência física contra outra criança/adolescente da família – Pessoa 1	Sim	Não
55.1	Você mesmo	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
55.2	Seu(sua) companheiro(a)	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
55.3	Outra pessoa da família. Quem _____	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
55.4	Outra pessoa fora da família.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>

56. Levando em conta sua própria avaliação dos acontecimentos (Pessoa 2), quem pratica esse tipo de violência contra esta outra criança/adolescente de sua família que resida com você?

Cod.	Pessoas que praticaram violência física contra outra criança/adolescente da família que resida com você – Pessoa 2	Sim	Não
56.1	Você mesmo	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
56.2	Seu(sua) companheiro(a)	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
56.3	Outra pessoa da família. Quem _____	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
56.4	Outra pessoa fora da família.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>

**57. Em algum dos episódios de violência contra crianças/adolescentes da sua família você pediu algum tipo de ajuda?**

Pessoa 1		Pessoa 2	
1 Sim		1 Sim	
2 Não		2 Não	

**58. A que pessoa /lugar/instituição você (pessoa 1) pediu ajuda?**

Cod	Pessoa / lugar/instituição a quem a pessoa 1 pediu ajuda	Sim	Não
58.1	Amigos(as)	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
58.2	Parentes	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
58.3	Vizinhos	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
58.4	Delegacia de polícia	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
58.5	Conselho Tutelar	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
58.6	Igreja	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
58.7	Outra; qual? _____	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>

**59. A que pessoa /lugar/instituição a pessoa 2 pediu ajuda?**

Cod	Pessoa / lugar/instituição a quem a pessoa 2 pediu ajuda	Sim	Não
59.1	Amigos(as)	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
59.2	Parentes	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
59.3	Vizinhos	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
59.4	Delegacia de polícia	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
59.5	Conselho Tutelar	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
59.6	Igreja	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
59.7	Outra; qual? _____	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>

**60. Você sofre ou já sofreu algum tipo de violência dentro da sua família atual?**

61.1 Pessoa 1		61.2 Pessoa 2	
1 Sim		1 Sim	
2 Não ( <i>Passe a 63.1</i> )		2 Não ( <i>Passe a 63.2</i> )	

**61. Que tipo de violência você sofre ou já sofreu dentro de sua família atual?**

*(Se mais de um assinala a mais freqüente)*

62.1 Pessoa 1		62.2 Pessoa 2	
1 Psicológica		1 Psicológica	
2 Física		2 Física	
3 Sexual		3 Sexual	
4 Negligência		4 Negligência	

**62. Você já sofreu algum tipo de violência fora da sua família?**

63.1 Pessoa 1		63.2 Pessoa 2	
1 Sim		1 Sim	
2 Não ( <i>Passe a 65.1</i> )		2 Não ( <i>Passe a 65.2</i> )	

**63. Que tipo de violência você já sofreu fora da família?**

*(Se mais de um assinale a que foi mais significativa para você)*

64.1 Pessoa 1	64.2 Pessoa 2
1 Por policiais	1 Por policiais
2 Por Bandidos	2 Por Bandidos
3 Presenciar violência na comunidade	3 Presenciar violência na comunidade
4 Estupro	4 Estupro
5 Assédio sexual	5 Assédio sexual
6 Estrutural / pobreza	6 Estrutural / pobreza
7 Outra, qual?	7 Outra, qual?

**64. Você se lembra de ter sofrido alguma violência quando era criança ou adolescente?**

65.1 Pessoa 1	65.2 Pessoa 2
1 Sim	1 Sim
2 Não <i>(Passe a 69.1)</i>	2 Não <i>(Passe a 69.2)</i>

**65. Que tipo de violência você lembra ter sofrido quando era criança / adolescente?**

*(Se mais de um assinale a mais freqüente)*

66.1 Pessoa 1	66.2 Pessoa 2
1 Psicológica	1 Psicológica
2 Física	2 Física
3 Sexual	3 Sexual
4 Negligência	4 Negligência

**66. Quem usou esta violência contra você (pessoa 1)?**

Cod.	Pessoas que praticaram violência física contra a Pessoa 1	Sim	Não
66.1	Pai	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
66.2	Padrasto	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
66.3	Mãe	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
66.4	Madrasta	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
66.5	Irmão	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
66.6	Irmã	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
66.7	Outro parente	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
66.8	Amigo/Colega/Vizinho	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
66.9	Estranhos	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>

**67. Quem usou esta violência contra você (pessoa 2)?**

Cod.	Pessoas que praticaram violência física contra a Pessoa 2	Sim	Não
67.1	Pai	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
67.2	Padrasto	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
67.3	Mãe	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
67.4	Madrasta	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
67.5	Irmão	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
67.6	Irmã	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
67.7	Outro parente	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
67.8	Amigo/Colega/Vizinho	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>
67.9	Estranhos	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>

## Parte 5. Observações sobre a família

**68. Alguém na sua família está ou esteve sob cuidados de um(a) profissional da área de saúde mental?**

69.1 Pessoa 1	69.2 Pessoa 2
1 Sim Quem? _____	1 Sim Quem? _____
2 Não	2 Não

**69. Nome dos profissionais:**

69.1 Pessoa 1 \_\_\_\_\_

69.2 Pessoa 2 \_\_\_\_\_

**70. Alguém da família da criança identificada faz uso de alguma droga?**

71.1 Pessoa 1	71.2 Pessoa 2
1 Sim	1 Sim
2 Não	2 Não

**71. Quem da família da criança identificada faz uso de alguma droga?**

*(Respostas da Pessoa 1 identificando o grau de parentesco em relação a criança envolvida na denúncia de maus tratos)*

Cod.	Pessoas identificadas pela Pessoa 1	Sim e faz tratamento para o problema	Sim e não faz tratamento para o problema	Não
71.1	Pai	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>
71.2	Padrasto	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>
71.3	Mãe	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>
71.4	Madrasta	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>
71.5	Irmão	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>
71.6	Irmã	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>
71.7	Outro parente	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>

**72. Quem da família da criança identificada faz uso de alguma droga?**

*(Respostas da Pessoa 2 identificando o grau de parentesco em relação a criança envolvida na denúncia de maus tratos)*

Cod.	Pessoas identificadas pela Pessoa 1	Sim e faz tratamento para o problema	Sim e não faz tratamento para o problema	Não
72.1	Pai	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>
72.2	Padrasto	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>
72.3	Mãe	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>
72.4	Madrasta	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>
72.5	Irmão	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>
72.6	Irmã	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>
72.7	Outro parente	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>

## **Anexo 2. Roteiros de entrevista e grupos focais.**

<b>Roteiro de perguntas para os Grupos Focais</b>
1. Por que você acha que um projeto como o Estreitando Laços foi elaborado?
2. Quando a sua família foi encaminhada para o projeto Estreitando Laços/Instituto Noos: - Como você recebeu a proposta? - Você teve clareza do que era o projeto?
3. E quando chegou até aqui, mudou o seu entendimento quanto ao que era o projeto?
4. Você teve dificuldades para participar do projeto? Quais? Foi possível superar?
5. Você acha que a participação no projeto trouxe alguma mudança para a sua família? Quais? Você acha que essas mudanças ocorridas na sua vida e de sua família serão duradouras? Por quê?
6. A maioria das pessoas foi convidada por carta ou telefone para participar de um grupo de familiares para conversar sobre dificuldades na educação dos filhos e compartilhar experiências. Muitos não vieram. Por que acha que isso aconteceu? Você participaria de um encontro assim? Por quê?
7. Na sua opinião, o que o projeto Estreitando Laços tem de bom? Por quê?
8. E quais são os seus pontos falhos? Por quê?
9. Você tem sugestões para que o projeto funcione melhor? Quais?
10. Que outro tipo de ações poderia apoiar as famílias em que há ou houve situação de violência que atinge as crianças ou adolescentes?

## **Anexo 3. Roteiros de perguntas para as instituições.**

<b>Roteiro de perguntas para as instituições contatadas para encaminhar famílias para o Projeto Estreitando Laços</b>
1. Como recebeu a informação da existência do projeto e como sentiu o pedido para integrar o projeto?
2. O que facilitou e o que dificultou o encaminhamento de famílias para o projeto?
3. O que sugere para facilitar o fluxo de encaminhamento de famílias para o projeto?
4. Que outras ações você sugere para atender famílias nessa situação?

## **Anexo 4. Roteiros de perguntas para a equipe de coordenação do Projeto.**

<b>Roteiro de perguntas para a equipe de coordenação do Projeto</b>
1. Com o desenvolvimento do Projeto Estreitando Laços ocorreram mudanças no atendimento a famílias em situação de violência intrafamiliar? Quais?
2. Como lidaram com as dificuldades e os desafios?
3. Vocês têm sugestões para que o projeto funcione melhor? Quais?

Referências:

Sobre o Instituto Noos e a Rede Não Bata, Eduque:

<http://www.noos.org.br/portal/rede>, acesso em 25/04/2011.

Sobre a Rede Não Bata, Eduque: <http://www.naobataeduque.org.br/site/home/index.php>.